

Ediana de Souza Soares

**A CATEQUESE INICIÁTICA:
A PARTIR DO CONCÍLIO VATICANO II E A SUA RECEPÇÃO NOS DOCUMENTOS
ECLESIAIS DA AMÉRICA LATINA**

Dissertação de Mestrado em Teologia

Orientador: Prof. Dr. Washington da Silva Paranhos, sj.

Apoio: FAPEMIG

Belo Horizonte
FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia
2024

Ediana de Souza Soares

**A CATEQUESE INICIÁTICA:
A PARTIR DO CONCÍLIO VATICANO II E A SUA RECEPÇÃO NOS DOCUMENTOS
ECLESIAIS DA AMÉRICA LATINA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, como requisito parcial para a obtenção do título de mestra em teologia

Área de concentração: Teologia Sistemática

Orientador: Prof. Dr. Washington da Silva Paranhos, sj.

Belo Horizonte
FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia
2024

FICHA CATALOGRÁFICA

	Soares, Ediana de Souza
S676c	A catequese iniciática: a partir do Concílio Vaticano II e a sua recepção nos documentos eclesiais da América Latina / Ediana de Souza Soares. - Belo Horizonte, 2023. 82 p.
	Orientador: Prof. Dr. Washington da Silva Paranhos Dissertação (Mestrado) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Departamento de Teologia.
	1. Catequese. 2. Concílio Vaticano II. 3. Liturgia. I. Paranhos, Washington da Silva. II. Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Departamento de Teologia. III. Título.
	CDU 25

Elaborada por Zita Mendes Rocha – Bibliotecária – CRB-6/1697

Ediana de Souza Soares

**A CATEQUESE INICIÁTICA:
A PARTIR DO CONCÍLIO VATICANO II E A SUA RECEPÇÃO NOS
DOCUMENTOS ECLESIAIS DA AMÉRICA LATINA**

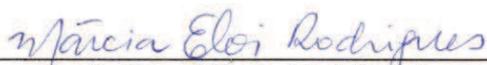
Esta Dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestra em Teologia e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia.

Belo Horizonte, 09 de abril de 2024.

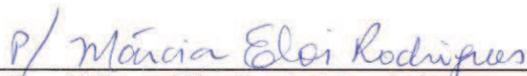
COMISSÃO EXAMINADORA:



Prof. Dr. Washington da Silva Paranhos / FAJE (Orientador)



Profa. Dra. Márcia Eloi Rodrigues / FAJE



Prof. Dr. Abimar Oliveira de Moraes / PUC Rio (Visitante)

*Dedico este trabalho
ao Instituto das Missionárias de Nossa Senhora
das Graças e aos Catequistas*

Agradecimentos

A Deus, Trindade Santa, que no seu desígnio amoroso me criou e atraiu-me ao seu Amor.

À minha família, onde aprendi os rudimentos da fé, e que sempre me apoiou em meus projetos vocacional e profissional.

À minha congregação religiosa, o Instituto das Missionárias de Nossa Senhora das Graças, na qual participo do carisma “Evangelizar e Catequizar” e me sustento pela espiritualidade eucarístico-mariana.

Ao Governo Geral de 2016-2021 e de 2021-2026, às respectivas Superiores Gerais: Ir. Maria Goreti Diniz e Ir. Antônia da Consolação da Silva pela oportunidade que me concederam de cursar o mestrado em teologia.

Às amigas e aos amigos que me apoiaram e me incentivaram na vida acadêmica. De modo especial, à Fabíola das Neves Sfalchini pela colaboração no abstract.

Aos colegas da pós-graduação pela partilha de experiências, saberes e pela amizade construída.

Aos colaboradores da FAJE pela solicitude em atender às minhas demandas.

Às professoras e aos professores pela provocação para a reflexão e a aprendizagem.

Ao Dr. Pe. Luiz Alves Lima, sdb, catequeta, pela importante colaboração e incentivo nesta pesquisa.

Ao meu orientador, Dr. Pe. Washington da Silva Paranhos, sj, pela sua disposição em orientar este trabalho e por despertar em mim o encantamento pelo caráter educativo-catequético da liturgia.

“Ninguém nasce cristão, mas torna-se cristão!”

(Tertuliano)

Resumo

Esta dissertação objetiva identificar como a reflexão sobre a catequese a serviço da iniciação cristã foi desenvolvida nos documentos da Igreja Latino-Americana e como ela tem orientado a prática catequética das comunidades cristãs a partir da renovação pastoral suscitada pelo Concílio Vaticano II. O evento ecumênico eclesial não produziu nenhum documento para a catequese, mas todo o seu contexto de renovação impulsionou a mudança de uma catequese doutrinal para uma catequese que integra fé e vida. Com o avanço da reflexão teológica e pastoral, hoje a Igreja chegou à opção pela catequese de inspiração catecumenal, cujo acento está na unidade entre liturgia e catequese, na valorização da Palavra de Deus como fonte essencial da catequese e na pedagogia divina. É um processo catequético marcado por tempos, etapas, celebrações e ritos que introduzem no mistério salvífico de Deus pela mediação da comunidade. Através da análise dos documentos conciliares e pós-conciliares, das orientações do CELAM e da CNBB, evidenciou-se que a América Latina e o Brasil logo tomaram a iniciativa de aplicar o Concílio Vaticano II. Portanto, a Igreja no Brasil tem-se empenhado para que a catequese de inspiração catecumenal seja implantada em todas as comunidades, a fim de que se passe de uma catequese doutrinal em vista da recepção dos sacramentos para uma catequese que inicie no mistério salvífico de Deus, conferindo à pessoa uma vida nova mediante a celebração dos sacramentos do batismo, da crisma e da eucaristia.

Palavras-chave: Inspiração Catecumenal. Liturgia. Palavra de Deus. Mistagogia. Querigma.

Abstract

This dissertation aims to identify how reflections about the catechesis at the service of Christian initiation was developed in the documents of the Latin American Church and how it is guiding the catechetical practice of Christian communities through the pastoral renewal raised by the Second Vatican Council. This Council did not produce any documents on the catechesis subject, but its entire context of renewal drove to a change from a doctrinal catechesis to a catechesis that integrates faith and life. With the advancement of theological and pastoral reflection, nowadays the Church has reached the option of catechumenal inspirational catechesis, whose emphasis is on the unity between liturgy and catechesis, on the valorization of the Word of God as an essential source of catechesis and in the divine pedagogy. A catechetical process typified by times, stages, celebrations and rites that introduce the salvific mystery of God through the mediation of the community. Through an analysis of conciliar and post-conciliar documents, from the Latin American Episcopal Council (CELAM) and National Conference of Brazilian Bishops (CNBB) guidelines, it was evident that Latin America and Brazil promptly took the initiative to apply the Second Vatican Council. Therefore, the Church in Brazil has strived to ensure inspirational catechumenal catechesis to be implemented in all communities, so that it goes from a doctrinal catechesis in view of the reception of the Sacraments to a catechesis that begins in the redeeming mystery of God, giving the person a new life through the celebration of the Sacraments of Baptism, Confirmation and Eucharist.

Keywords: Catechumenal Inspiration. Liturgy. Word of God. Mystagogy. Kerygma.

SIGLAS

AG – Decreto *Ad Gentes*

AM – *Motu Proprio Antiquum Ministerium*

CD – Decreto *Christus Dominus*

CELAM – Conselho Episcopal Latino-Americano

CEPABC – Comissão Episcopal para a Animação Bíblico-Catequética da CNBB

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

CT – Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae*

CR – Documento 26, CNBB: Catequese Renovada

DC – Diretório para a Catequese (2020)

DD – *Desiderio Desideravi*

DCG – Diretório Catequético Geral (1971)

DGC – Diretório Geral para a Catequese (1998)

DV – Constituição Dogmática *Dei Verbum*

EG – Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*

EM – Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*

GE – Declaração *Gravissimum Educationis*

LG – Constituição Dogmática *Lumen Gentium*

Med – Documento de Medellín

MPD – Mensagem ao Povo de Deus

RICA – Ritual de Iniciação Cristã de Adultos

SC – Constituição *Sacrosanctum Concilium*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 PEQUENO RELATO HISTÓRICO SOBRE A CATEQUESE	13
1.1 A catequese na Igreja Antiga (séc. I-V)	13
1.1.1 A era apostólica	14
1.1.2 A era catecumenal	17
1.2 A catequese na Idade Média (séc. V-XV)	21
1.3 A catequese na Idade Moderna (séc. XV-XVIII)	25
1.4 A catequese na Idade Contemporânea (séc. XVIII-XX) até o Concílio Vaticano II	29
2 A CATEQUESE E A SUA RECEPÇÃO APÓS O CONCÍLIO VATICANO II	35
2.1 1.1 Algumas indicações dos documentos conciliares e pós-conciliares sobre a renovação da catequese	37
2.2 As orientações do CELAM para uma catequese iniciática em Medellín	40
2.3 O Diretório Geral da Catequese (1971): ênfase no ministério da palavra	43
2.4 A IV Assembleia Geral do Sínodo dos Bispos (1977) e a exortação apostólica <i>Catechesi Tradendae</i> (1979)	46
2.5 O documento 26 da CNBB: implantação da catequese renovada no Brasil	50
3 PERSPECTIVAS PARA A CATEQUESE CONTEMPORÂNEA	55
3.1 A catequese de inspiração catecumenal	56
3.2 A catequese e a Palavra de Deus	60
3.3 A catequese e a liturgia	62
3.4 A catequese e a pedagogia	65
3.5 A catequese e a pastoral de conjunto	67
3.5.1 A comunidade eclesial: lugar da iniciação cristã e da formação dos discípulos missionários	68
3.5.2 A formação dos agentes pastorais: ministros ordenados, religiosos e leigos ...	71
3.6 Proposta para os encontros catequéticos.....	73
CONCLUSÃO.....	77
REFERÊNCIAS.....	80

INTRODUÇÃO

A partir do Concílio Vaticano II, a Igreja colocou-se a caminho de uma renovação pastoral ao analisar a vida cristã em sua origem e no seu desenvolvimento nos primeiros séculos, como são descritos no Novo Testamento e na Tradição, para responder às inquietações da humanidade contemporânea. Nessa leitura da atualidade à luz do cristianismo originário, a assembleia conciliar apontou para uma evangelização adaptada às circunstâncias do ser humano contemporâneo a fim de que ele encontre o sentido de sua fé e de sua vida na adesão a Jesus Cristo.

A educação na fé, responsabilidade de toda comunidade, é atribuída aos catequistas, que em nome dela instruem e acompanham os catecúmenos e catequizandos no processo de iniciação no mistério pascal e na própria comunidade. Porém, na atividade catequética, verificam-se muitos desafios e obstáculos quanto a uma genuína iniciação cristã, tais como resistência dos agentes pastorais ainda focados apenas na sacramentalização; a ideia de que a catequese é responsabilidade exclusiva dos catequistas; grande rotatividade de catequistas nas comunidades; catequistas que não tem acesso à formação inicial e permanente; a busca dos sacramentos para satisfazer exigências canônicas ou para manter as tradições familiares. Portanto, já se passaram mais de cinquenta anos do Concílio Vaticano II e muitas comunidades eclesiais não avançaram na renovação pastoral em vista da formação dos discípulos missionários. O motivo desse distanciamento é não terem ainda conseguido superar a catequese sacramental-doutrinal.

Essa constatação motivou a escolha do tema sobre a concepção de catequese apresentada pelos documentos da Igreja Latino-Americana a partir do Concílio Vaticano II e como ela seria realizada nas comunidades eclesiais, tendo como referência a restauração do catecumenato determinado pela *Sacrosanctum Concilium* (n. 64). Por isso, nessa dissertação busca-se compreender como a renovação pastoral do Concílio Vaticano II fundamenta as orientações do CELAM e da CNBB sobre a missão da catequese dentro do processo de iniciação cristã. Para isso, serão destacados de vários documentos conciliares apontamentos específicos que impulsionaram a renovação catequética.

O método utilizado é o da pesquisa bibliográfica, tendo como obras principais: o Documento da Conferência de Medellín, capítulo 8 sobre a Catequese (1968), o Diretório Geral Catequético (1971), a exortação apostólica *Catechesi Tradendae* (1977) e o Documento 26 da CNBB – *Catequese Renovada* (1983). A partir da análise das orientações e diretrizes desses

documentos, espera-se evidenciar como deve ser a prática catequética nas comunidades e, reconhecidas as lacunas, apresentar propostas para o desenvolvimento dos encontros catequéticos de acordo com as orientações da Igreja para uma catequese de inspiração catecumenal. O Diretório para a Catequese (2020), o subsídio *Itinerário Catequético: Iniciação à vida cristã* – um processo *de inspiração catecumenal* (CNBB, 2018) e o texto *A Caminho de um Novo Paradigma para a Catequese* (CELAM, 2008) serão referenciados na reflexão sobre a catequese para os dias atuais. Inclusive, esta temática ganha fôlego e será discutida no terceiro capítulo. Conta-se, também, com o pensamento teológico e pastoral de Lima, Alberich, Bollin; Gasparini, entre outros catequistas e teólogos sobre a catequese na obra evangelizadora na Igreja contemporânea.

Esta pesquisa concentra-se na reflexão teológica e espiritual da catequese a serviço da iniciação cristã, abordando as dimensões querigmática e mistagógica, e tem como referência a pedagogia divina. Nesse sentido, não serão tratados a pedagogia e a metodologia a partir das ciências psicopedagógicas e nem sobre os temas para os encontros catequéticos. O eixo em torno do qual será desenvolvido todo o trabalho é a iniciação ao mistério pascal mediada pela comunidade de fé, onde se encontra a catequese como ministério da Palavra, a serviço da formação dos discípulos missionários em uma perspectiva missionária.

No primeiro capítulo serão descritas algumas notas históricas da catequese, desde as comunidades do Novo Testamento até às vésperas do Concílio Vaticano II, numa tentativa de entender como a concepção de educação da fé passou por transformações no decorrer da história da Igreja. A análise também discorre sobre o anúncio querigmático que suscitava a conversão e a decisão de ser batizado segundo os relatos neotestamentários, abraçando a era do catecumenato e da cristandade até o movimento catequético iniciado no final do século XIX, instigado pelos movimentos litúrgico, patrístico, bíblico, teológico.

O segundo capítulo abordará o impulso que o Vaticano II deu para a renovação catequética. O Concílio não produziu nenhum documento específico sobre a catequese, mas os documentos conciliares influenciaram a reflexão teológica e pastoral que culminou em uma catequese renovada de acordo com o espírito conciliar. Apresentará, também, o compromisso do CELAM e da CNBB em aplicar a renovação pastoral catequética no continente. Observa-se essa disposição pelos documentos e produções.

O terceiro e último capítulo será desenvolvido em torno da catequese de inspiração catecumenal, a opção atual da Igreja para a educação *na e para* a fé. É uma proposta inspirada no catecumenato antigo para a formação dos discípulos missionários. Desse modo, serão

abordados a relação da catequese com a Palavra de Deus, com a liturgia, com a pedagogia divina; a responsabilidade de toda a comunidade; e a proposta e roteiro para os encontros catequéticos.

Por fim, pensar sobre o conceito de catequese e sua finalidade ao longo da história ajuda a compreender a urgência da catequese de inspiração catecumenal para o ser humano contemporâneo. Este estudo almeja somar-se à reflexão pastoral e teológica em curso, para que a catequese doutrinal e unilateral seja cada vez mais superada. A reflexão pretende contribuir para a mudança da prática catequética ou para seu aprimoramento a fim de que ela realmente seja *catequese iniciática*. Assim, as comunidades eclesiais cumprirão sua vocação evangelizadora.

Portanto, leva-se em consideração que o estudo sobre a catequese de inspiração catecumenal e o apontamento de orientações para a sua realização nas comunidades eclesiais continua sendo uma das questões primordiais da teologia e da pastoral, pois ela constitui uma dimensão missionária da ação evangelizadora da Igreja e, ainda, precisa ser implantada em muitas comunidades eclesiais.

1 PEQUENO RELATO HISTÓRICO SOBRE A CATEQUESE

Ao discorrer neste trabalho, ainda que brevemente, sobre o percurso eclesial bimilenário da atividade catequética, propõe-se uma discussão sobre o processo iniciático que possibilite um maior conhecimento da concepção de catequese assumida pelo Concílio Vaticano II, uma vez que o objetivo desta pesquisa é refletir sobre a catequese iniciática reassumida pela Igreja no século XX e a sua recepção nos documentos eclesiais pós Vaticano II. Assim sendo, serão apresentados neste capítulo alguns dados históricos, que permitem uma compreensão panorâmica sobre a visão de educação *na e para* a fé em cada época da Igreja, e sua vinculação ou não com o processo de iniciação cristã.

Os pesquisadores estabelecem os períodos históricos de acordo com o objeto da abordagem – catequese, liturgia, cristianismo, Igreja – embora estas dimensões estejam interligadas¹. Nesta investigação será adotada uma periodização inspirada em Bollin; Gasparini² a respeito da história da catequese: a primeira evangelização (séc. I-IV); a segunda evangelização (séc. V-XIV); a terceira evangelização (séc. XV-XIX); a caminho da quarta evangelização (séc. XX). Logo, neste capítulo a história da catequese será organizada em quatro etapas: na Igreja Antiga (séc. I-V), na Idade Média (séc. V-XV), na Idade Moderna (séc. XV-XVIII) e na Idade Contemporânea (séc. XVIII-XX) até o Concílio Vaticano II. Este será analisado no capítulo seguinte, já que a catequese de inspiração catecumenal determinada por ele é o objeto desta pesquisa.

1.2 A catequese na Igreja Antiga (séc. I-V)

Este período compreende duas etapas: a era apostólica e a era catecumenal. O Novo Testamento e os escritos patrísticos constituem-se como fontes teológicas, históricas e metodológicas sobre essa época. Na Sagrada Escritura encontram-se informações sobre a

¹ TERRA, J. E. M. *História da Catequese*. São Paulo: Loyola, 1982. Catequese Apostólica, Catequese pós-Apostólica, do início do século III até a metade do século V, de São Gregório Magno ao Concílio de Trento e a era dos catecismos.

FLORISTÁN, C. *Catecumenato: história e pastoral da iniciação*. Petrópolis: Vozes, 1995. História do Catecumenato: Iniciação cristã no Novo Testamento, o antigo catecumenato, do batismo de adultos ao batismo de crianças, renovação do catecumenato em países de missão, na França, na Espanha e a restauração oficial do catecumenato.

LIMA, L. A. A iniciação cristã ontem e hoje: história e documentação atual sobre a iniciação cristã. *Revista de Catequese*, São Paulo, Salesiana Dom Bosco, n. 126, abr. 2009, p. 6-22. Visão particularizada do catecumenato: os inícios; séculos III e IV; séculos IV e V; século VI, Idade Média – Cristandade e catecumenato social; século XVI; século XIX; século XX: Catecumenato Moderno.

² BOLLIN, A.; GASPARINI, F. *A catequese na vida da Igreja: notas de história*. São Paulo: Paulinas, 1998.

transmissão da fé após a ressurreição de Jesus Cristo e como os novos cristãos eram introduzidos na comunidade dos discípulos. Não existia uma prática homogênea, mas uma liberdade criativa e adaptada às circunstâncias culturais das comunidades. Já os escritos patrísticos mostram a estruturação e institucionalização do catecumenato, resultado do desenvolvimento da metodologia de formação dos novos convertidos, sobretudo dos pagãos, iniciada pelas primeiras comunidades cristãs.

1.1.1 A era apostólica

Por meio dos relatos neotestamentários, subentende-se que os métodos de instrução eram variados, mas o núcleo do processo era o anúncio querigmático, ou seja, do mistério pascal de Jesus Cristo. Aqueles que se convertiam, ao escutar este anúncio, recebiam uma formação mais sólida sobre a vida e as obras de Jesus e também orientações éticas.³ Lima⁴ afirma que

tanto o querigma como a instrução em vista do Batismo levam em consideração as condições da pessoa que recebe a mensagem: para os judeus, era uma preparação rápida, mas longa para os provenientes de outras religiões. Ou seja, há uma preocupação com o destinatário: para o judeu, bastava mostrar em Jesus o cumprimento das escrituras, ao passo que para os outros era necessário o anúncio do verdadeiro Deus.

De acordo com Bollin; Gasparini⁵, as formas de catequese presentes no Novo Testamento são: a) o *querigma* que “é a proclamação dos acontecimentos relativos a Jesus de Nazaré”⁶ distinto em quatro momentos: 1) os traços essenciais da atividade de Jesus na Palestina; 2) a sua condenação e crucificação em Jerusalém; 3) a sua ressurreição; 4) a explicação do sentido da sua morte e ressurreição através das Sagradas Escrituras. “Esse anúncio, que conclui com o convite final à fé e à conversão, reforça a proclamação precedente e a promessa do dom salvífico para os fiéis: o perdão dos pecados”⁷. b) o aprofundamento da instrução para o neófito, que é o anúncio mais sistematizado, cujo conteúdo são “a releitura dos textos bíblicos à luz de Cristo, o apelo aos ensinamentos de Jesus para orientar as opções práticas dos fiéis”⁸. c) e a pregação litúrgica que é a explicação da Sagrada Escritura durante a

³ RODRIGO, A. M. História da Catequese. In: PEDROSA, V. Ma.; NAVARRO, Ma.; LÁZARO, R.; SASTRE, J. (Orgs). *Dicionário de Catequética*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 564. BOLLIN; GASPARINI, 1998, p. 20-21.

⁴ LIMA, L. A. *A catequese do Vaticano aos nossos dias: a caminho de uma catequese a serviço da iniciação à vida cristã*. São Paulo: Paulus, 2016, p. 27.

⁵ 1998, p. 22-23.

⁶ BOLLIN; GASPARINI, 1998, p. 22.

⁷ BOLLIN; GASPARINI, 1998, p. 22.

⁸ BOLLIN; GASPARINI, 1998, p. 23.

liturgia eucarística e a preparação dos catecúmenos para o batismo. Essas três formas de catequese tornaram-se as formas clássicas do anúncio cristão.

Simultaneamente à expansão das comunidades cristãs, foi se consolidando uma catequese doutrinal para responder “à necessidade de ensinar, aos que seriam batizados, a fé que se pedia que professassem diante do batismo”⁹. Baseando-se nos Atos dos Apóstolos (AT) e nos escritos paulinos, Lima¹⁰ lista os seguintes elementos como constituidores do itinerário iniciático na era apostólica:

- Pregação do Evangelho;
- Acolhida da fé e conversão;
- A catequese, entendida como a “instrução”;
- A verificação das disposições do candidato;
- O batismo, como *mergulho* no mistério pascal de Cristo;
- O dom do Espírito Santo;
- Incorporação ao Povo de Deus;
- Participação no Corpo de Cristo.

Nota-se, também, que os primeiros cristãos já buscavam a integração entre fé e vida, necessidade apontada pela catequese renovada. A comunidade era o lugar onde se aprendia, vivia-se e testemunhava-se a fé. De acordo com a perícopa dos Atos dos Apóstolos 2, 42-47, Lima¹¹ aponta as dimensões básicas da vida cristã.

- 1) O ensino dos apóstolos: *conhecimento e adesão à Mensagem – Kerygma*;
- 2) Vida de comunhão: *uma fraternidade conforme o Evangelho – Koinonia*;
- 3) Frequência da fração do pão, oração: *celebração da Páscoa do Senhor – Liturgia*;
- 4) Partilha dos bens: “tinha tudo em comum”: *serviço ao irmão – Diakonia*.

As comunidades do período pós-pascal conservaram os ensinamentos de Jesus, através da transmissão oral e escrita, em vista da conversão e da adesão à fé de novos discípulos, e também do amadurecimento na fé de todos os seus membros. Junto à expansão da comunidade cristã, tornou-se necessário elaborar um processo gradual de catequese que permitia ao neófito um crescimento e amadurecimento na fé, pois a catequese é “mais do que comunicação de saberes, é iniciação à vida de comunhão com Cristo”¹².

Normalmente após o batismo, a participação na vida da comunidade era a forma essencial para esse amadurecimento, que preparava o novo discípulo para sofrer até o martírio, se necessário fosse, por causa de Jesus Cristo e de seu Reino. Alguns exemplos da Sagrada

⁹ RODRIGO, 2004, p. 564.

¹⁰ LIMA, L. A. de. A iniciação cristã ontem e hoje: história e documentação atual sobre a iniciação cristã. *Revista de Catequese*, São Paulo, Salesiana Dom Bosco, n. 126, abr. 2009, p. 9.

¹¹ 2009, p. 9.

¹² RODRIGO, 2004, p. 564.

Escritura, especialmente dos Atos dos Apóstolos, indicam esse processo gradual de crescimento e amadurecimento na fé cristã.

a) O anúncio querigmático suscita a conversão e, conseqüentemente, a aceitar o batismo: At 2,14-41 – conversão e batismo de cerca de três mil pessoas, após a pregação de Pedro e dos apóstolos no dia de Pentecostes; At 8,4-12 – Filipe anuncia o evangelho na Samaria, muitos acreditam em Jesus e no seu Reino, e são batizados; At 9,18 – Saulo, após o encontro com o Senhor, foi batizado.

b) A formação pós-batistal: At 9,19 – Paulo permanece alguns dias na comunidade cristã de Damasco; At 14,22 – Paulo e Barnabé exortam os discípulos a permanecerem firmes na fé; At 19,9 – Paulo ensinava aos discípulos à parte; Hb 6,1-2 – aponta para a necessidade do aprofundamento dos temas da catequese.

c) A vida em comunidade: At 4,32-35 – vida em comunhão e partilha dos bens, consciência identitária de comunidade reunida em torno da fé no Cristo ressuscitado; Hb 13,1-3 – convite a perseverar no amor fraterno e na comunhão com todos.

d) O testemunho da fé: At 7,57-60 – martírio de Estevão; At 12,2 – martírio de Tiago e prisão de Pedro.

Para além destas notas históricas, o Novo Testamento, muito mais que uma fonte sobre o processo catequético, é a própria catequese dos primórdios do cristianismo. A sua redação ocorreu em torno do núcleo querigmático: o anúncio da paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo. “Além da pregação inicial, a comunidade primitiva se preocupou logo cedo com a ‘educação da fé’: os quatro Evangelhos são textos catequéticos de aprofundamento do Reino, do discipulado e seguimento a Jesus”¹³. Floristán¹⁴ afirma que

o trinômio pregação-fé-batismo é um traço característico da práxis pastoral neotestamentária. Ainda que não se possa deduzir do Novo Testamento o primitivo processo de iniciação cristã, pode-se observar que, desde o começo da Igreja, os convertidos pelo anúncio do querigma, depois de aceitar a fé, eram agregados ao povo de Deus mediante o batismo, rito fundamental do catecumenato.

Portanto, o anúncio do Evangelho dirigido inicialmente às comunidades judaicas, expandiu-se aos povos pagãos. O fato levou a uma estruturação da catequese de acordo com a experiência religiosa de cada comunidade e à inculturação do Evangelho, resultando na institucionalização do catecumenato.

¹³ LIMA, 2016, p. 26.

¹⁴ 1995, p. 70.

1.1.2 A era catecumenal

A iniciação cristã denominada de catecumenato teve seu início com o anúncio querigmático aos pagãos. Esse processo iniciático foi sendo estruturado ao longo de sua prática, até se tornar uma importante instituição dentro da Igreja, visando oferecer aos novos convertidos uma verdadeira formação cristã, pois “a Igreja primitiva apenas admite aos sacramentos de iniciação cristã pessoas cuja conversão se pode verificar e cujo estilo de vida pôs à prova durante o período de catequese”¹⁵. Dessa maneira, os novos convertidos faziam parte de uma classe eclesial, a dos catecúmenos, daqueles que se preparavam para o batismo, e que já eram considerados cristãos. Lima¹⁶ delinea a seguinte definição para o catecumenato: “um caminho antigo e eficiente, desenvolvido pelas comunidades cristãs primitivas, aprofundado pelos Santos Padres, acolhido e institucionalizado pela autoridade eclesiástica e núcleo do próprio desenvolvimento do ano litúrgico, gerado nesse processo”.

Por sua vez, Floristán¹⁷ descreve sucintamente seu processo de gênese e crescimento. O catecumenato “nasce no século II, desenvolve-se no século III e primeira metade do século IV, transforma-se na segunda metade do século IV, mantém uma certa vitalidade no século V e entra em decadência, até desaparecer nos séculos VI e VII”.

No século II começou a criação das escolas catequéticas para a formação dos catequistas e para o aprofundamento da fé dos cristãos: em Roma por Justino; em Alexandria, no Egito, sendo dirigida por Panteno, Clementino Alexandrino, Orígenes e Heráculo; e em Antioquia, na Síria, por Luciano de Samósata¹⁸. É também o período dos escritos patrísticos apostólicos, que refletem a pregação apostólica, e dos patrísticos apologistas que respondem às acusações contra os cristãos.

Os escritos apostólicos

possuem uma intenção prática: exortam à penitência, à disciplina eclesiástica, explicam de modo simples alguns conteúdos doutrinários. Neles encontramos todo o entusiasmo dos primeiros séculos, a fé viva dos primeiros cristãos. O conteúdo do pensamento é tirado do Antigo e do Novo Testamento, aos quais se remetem constantemente os escritores¹⁹.

Os escritos apologeticos são de iniciativa dos fiéis mais cultos para defender os cristãos contra as acusações do povo e do Estado. Os padres apologistas

¹⁵ BOLLIN; GASPARINI, 1998, p. 25.

¹⁶ 2016, p. 28.

¹⁷ 1995, p. 75.

¹⁸ BOLLIN; GASPARINI, 1998, p. 26-27.

¹⁹ BOLLIN; GASPARINI, 1998, p. 27.

utilizando a cultura grega, procuram explicar às pessoas do seu tempo o que é a fé em Cristo. O seu objetivo é, para além de defender os cristãos, sobretudo o de evangelizar as pessoas cultas que leem os seus livros. Querem converter o mundo a Cristo, abrir um diálogo culturalmente profundo com o mundo pagão para explicar a fé, isto é, para serem missionários²⁰.

Ainda há os escritos dos pastores da Igreja que combatem as heresias que dividem a comunidade. Essas obras de defesa “levam-nos a presumir todo o ensino oral que têm a seu cargo, o trabalho da pregação, de evangelização, de catequese desenvolvido em relação àqueles que chegam à fé cristã”²¹ e do aprofundamento da fé nas comunidades cristãs.

Esses Santos Padres eram místicos e, ao mesmo tempo, filósofos que refletiam não só sobre os problemas em nível pessoal, ou problemas dentro do cristianismo, mas também tinham a ousadia de apontar para os erros das estruturas injustas de seu tempo, como o enriquecimento ilícito dos poderosos²².

Logo, a institucionalização do catecumenato preservou o caráter iniciático da catequese do Novo Testamento constituída do anúncio, da instrução, da conversão, da adesão à fé pelo batismo, da participação na vida da comunidade e da formação pós-batismal. O fato se constata ao observar que o catecumenato foi estruturado em quatro tempos:

- 1) pré-catecumenato – anúncio querigmático;
- 2) catecumenato – período da instrução catequética;
- 3) tempo de purificação – iluminação – coincidia com o tempo quaresmal e era constituído de ritos e escrutínios para verificar se a conversão era autêntica;
- 4) mistagogia – catequese pós-batismal e participação na vida da comunidade.

Para Lima²³,

no século II, o número de conversões aumentava sempre e muitos batizados se deixavam levar pela heresia, ou se amedrontavam pela perseguição. Foi então que teve início o *catecumenato institucionalizado*, uma das instituições mais eficazes e frutuosas da história da Igreja: tempo extremamente sério de formação, para afirmar bem a fé, para testar a vida no meio do mundo pagão, e no seio de uma comunidade que comunicava sua fé e transmitia seu credo.

O caminho que um pagão, o novo convertido, devia percorrer para receber o batismo, segundo Bollin; Gasparini²⁴: “é um caminho existencial, através do qual se visa à mudança de vida do catecúmeno, um caminho exigente, tanto pela duração, como pelos conhecimentos que o catecúmeno deve adquirir”. Esse processo era acompanhado pela comunidade cristã. O grande valor dessa organização catecumenal era conter e conservar unidos os três componentes

²⁰ BOLLIN; GASPARINI, 1998, p. 29.

²¹ BOLLIN; GASPARINI, 1998, p. 29.

²² LIMA, 2016, p. 23-24.

²³ 2016, p. 27.

²⁴ 1998, p. 52.

essenciais do tornar-se cristão: a conversão (penitência), a instrução (catequese) e os sacramentos (dimensão ritual-simbólica)²⁵.

O caminho catecumenal, normalmente, tinha a duração de três anos e constava de uma metodologia progressivamente gradual. Após a decisão de ser batizada, a pessoa acompanhada dos padrinhos, que representavam a comunidade, apresentava-se aos catequistas. Esses a interrogavam sobre as suas motivações para pedir o batismo e verificavam suas condições de vida, especialmente, se a sua profissão não contrastava com a vida cristã. Se o resultado do exame estivesse de acordo com os critérios estabelecidos, o candidato era admitido ao catecumenato, era assinalado com o sinal da cruz na fronte, impunha-se as mãos sobre ele e dava-lhe sal. O catecúmeno tornava-se membro de direito da Igreja. Ele recebia a instrução do catequista antes da reunião geral da comunidade, da qual participava até a liturgia da Palavra, quando o catequista impunha a mão sobre ele, rezava e o despedia da assembleia.

Ao se aproximar da época de ser batizado, no domingo da Epifania, o bispo chamava o catecúmeno para decidir em relação ao batismo, pois a quaresma estava próxima e toda ela era orientada para a preparação deste sacramento²⁶. Assim sendo, no domingo anterior ao primeiro domingo da quaresma, o bispo examinava se o catecúmeno havia rompido com o paganismo, escrevia o seu nome no grupo dos eleitos e concluía o momento com uma catequese sobre a preparação quaresmal para o batismo.

Na vigília do primeiro domingo da quaresma, o eleito dava o seu nome para o sacerdote. Em todos os dias da quaresma, exceto sábado, havia cerca de três horas de catequese bíblica, cujo conteúdo era o ensino doutrinal, a iniciação moral e os atos rituais. Em cada domingo, realizavam-se alguns ritos específicos, cujo objetivo era unir, progressivamente, o catecúmeno a Cristo. No sexto domingo da quaresma²⁷, o catecúmeno recebia o símbolo da fé do bispo, para o qual, no domingo de Ramos, recitava-o solenemente e de cor. No início da semana santa, o

²⁵ LIMA, 2016, p. 30.

²⁶ A Quaresma é o resultado de um longo processo de sedimentação de três itinerários litúrgico-sacramentais: a preparação imediata dos catecúmenos para os sacramentos de iniciação, a penitência pública e a participação da comunidade cristã nos dois anteriores como preparação para a Páscoa. A Quaresma ou quadragésima é conhecida com este nome desde o século IV (São Jerônimo e Egéria) e faz referência ao significado do número 40 na Bíblia. [...] desaparecida a instituição do catecumenato e substituída a reconciliação pública pela penitência secreta (séc. VIIss.), a Quaresma ficou configurada no Missal e no Ofício divino como um tempo quase exclusivamente penitencial e ascético (MARTÍN, Julián López. *A liturgia da igreja: teologia, história, espiritualidade e pastoral*. 1. ed. São Paulo: Vozes, 2022. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 10 fev. 2024).

²⁷ A contagem do período da Quaresma, que faz referência aos 40 dias em que Jesus Cristo esteve no deserto, é feita da seguinte forma: a partir da quarta de cinzas contam-se os dias até o sábado antes da Páscoa, conhecido como sábado de aleluia. O resultado é 46. Depois disso, tiramos 6, que é o número de domingos que há no período da quaresma. O resultado é 40.

catecúmeno recebia a oração do Pai-Nosso e toda essa semana era dedicada à iniciação a oração. Na noite do sábado santo, era realizado o rito de renúncia à Satanás e da adesão a Cristo.

Por fim, no amanhecer da Páscoa batizava-se o catecúmeno e revestia-o com a veste branca. Durante a oitava da Páscoa, o neófito continuava trajando a veste branca e recebia do bispo a catequese mistagógica, ou seja, a explicação sobre os ritos do batismo, da crisma e da eucaristia sempre a partir da bíblia. Feito este itinerário, o novo cristão alimentava a sua fé participando da vida e da liturgia da comunidade²⁸.

Toda a comunidade era responsável pela iniciação dos novos membros, de acordo com as suas funções específicas. Lima²⁹ é categórico.

O primeiro anúncio, a comunicação da fé, o primeiro testemunho e convite a aceitar a Palavra e a conversão eram tarefas da comunidade, ao passo que a catequese propriamente dita, como ensinamento e instrução, era competência do *catequista*: ele era o *doctor*, ou seja, aquele que sabe e tem a capacidade de instruir, ensinar, educar. A partir de determinado momento, o bispo presidia a comunidade como sucessor dos apóstolos, instruía oficialmente: era o “catequista”.

No século III, o catecumenato chegou ao seu apogeu. Encontrava-se estruturado em suas dimensões teológicas, litúrgicas e metodológicas. Organizado em ritos e em momentos de instrução, possuía uma pedagogia gradual, com o intuito de introduzir com eficácia o novo discípulo na comunidade. Ele passava por provas para assegurar que a sua conversão e sua adesão à fé em Jesus Cristo eram verdadeiras. A Igreja se preocupava em garantir que seus fiéis fossem íntegros na fé e leais à comunidade cristã a fim de proteger a sua própria identidade. Por isso, ela instituiu uma classe, a dos catecúmenos, que progressivamente iam recebendo os grandes mistérios da fé cristã. A estrutura litúrgico-pastoral do catecumenato facilitava a formação permanente na comunidade³⁰.

Mostra o catecumenato, a complexidade da iniciação cristã, que tem lugar propriamente na celebração dos sacramentos, mas que inclui também os aspectos experienciais, cognoscitivos, morais, mediante os quais vive-se e expressa-se a vida nova que se recebe como dom³¹.

Pressupõe-se que havia um planejamento da instrução, pois chama a atenção a seleção dos conteúdos catequéticos. Bollin; Gasparini³² assinalam que “a perspectiva é a história da salvação: as maravilhas de Deus são englobadas por um único olhar, unificante e totalizante sobre a história, o do desígnio absolutamente uno de Deus, da criação até a redenção”.

²⁸ BOLLIN; GASPARINI, 1998, p. 43-46.

²⁹ 2016, p. 27.

³⁰ LIMA, 2009, p. 10.

³¹ RODRIGO, 2004, p. 565.

³² 1998, p. 48.

A catequese dos padres, precisamente porque roda à volta da explicação do Credo, é profundamente trinitária, mas o vértice é dado pela referência a Jesus Cristo, isto é, pela cristologia pascal. O centro da catequese patrística é Jesus Cristo, apresentado como ponto de chegada de toda a revelação e sentido da vida de cada homem³³.

O catecumenato começa a entrar em decadência a partir do século IV, reduzindo-se ao tempo quaresmal, no qual concentrava “a instrução doutrinal sobre o símbolo e o pai-nosso, o exercício moral e a iniciação litúrgica. Depois do batismo, os neófitos recebiam a catequese mistagógica, na qual aprendiam a saborear os mistérios que acabavam de celebrar”³⁴. Assim, os sinais litúrgicos dispostos num caminho muito mais longo perdem, no entanto, pouco a pouco, o seu significado³⁵.

Com o declínio rápido do processo catecumenal, o batismo se transforma em estado e perde-se o sentido batismal relacionado à conversão dos adultos. “O batismo já não é considerado uma eleição, mas um direito, talvez a adquirir no momento extremo da vida, a fim de conseguir o máximo de vantagens com o mínimo de esforço”³⁶. A decadência do catecumenato foi causada pela oficialização do cristianismo como religião do Império Romano. Entretanto, Lima³⁷ afirma que essa “é a época áurea dos Santos Padres que nos deixaram como herança, grandes catequese pré e pós-batismais (mistagógicas)”.

Mesmo diante do esforço dos Santos Padres em conservar o ideal do processo catecumenal, paulatinamente, o catecumenato desaparece à medida que a conversão não é mais exigida para ser batizado, pois o cristianismo é a religião oficial do Estado. Em consequência há uma massificação do batismo de adultos e começa-se a prática de batizar as crianças. Instala-se uma espécie de catecumenato social, pois a sociedade é cristã, e a pessoa já nasce neste contexto sendo possuidora do direito ao batismo. Supõe-se que ela será iniciada na fé pelos pais.

1.2 A catequese na Idade Média (séc. V-XV)

Com o regime de cristandade torna-se cristão por tradição, ideia ainda presente até hoje. Muitas pessoas procuram os sacramentos da iniciação cristã para si ou para seus filhos e netos, porque a família tem a tradição católica de batizar. Esta sociedade cristianizada vai perdendo importantes referenciais religiosos da Igreja Antiga. “Com o passar do tempo, o povo já não

³³ BOLLIN; GASPARINI, 1998, p. 48.

³⁴ RODRIGO, 2004, p. 565.

³⁵ BOLLIN; GASPARINI, 1998, p. 47; RODRIGO, 2004, p. 566.

³⁶ BOLLIN; GASPARINI, 1998, p. 47.

³⁷ 2009, p. 10.

participa, celebra-se de costas para o povo e a maior preocupação era com a cerimônia, com a exterioridade do rito e a sua validade, perde-se de vista a noção do sacerdócio comum dos fiéis”³⁸. A missa vai se distanciando da vida, pois o latim já não é uma língua popular³⁹. A partir do século VI, “com a generalização do batismo de crianças e a consolidação progressiva do regime de cristandade, pode-se dizer que o catecumenato praticamente desaparece”⁴⁰.

Com o enfraquecimento do catecumenato, “a catequese e a liturgia se distanciam; a catequese cada vez mais adquire características doutrinárias, e é orientada quase sempre às crianças. A noção de ‘iniciação’ é alterada”⁴¹. À sociedade cabe a função do catecumenato social, pois, afinal, toda a cultura possui elementos do cristianismo. Porém, esse catecumenato não é uma iniciação de fato, pois profano e religioso é uma única realidade cristã, na qual a pessoa também já nasce “cristã”. De certa forma, ele não produz o mesmo impacto sobre a vida do neófito como a iniciação cristã dos primeiros séculos. “Os esforços concentravam-se mais em uma forma pastoral de conservação, de manutenção dos valores religiosos oficialmente proclamados na sociedade, do que propriamente em promover a evangelização”⁴².

No processo de cristianização da sociedade, muitos aderiam ao cristianismo impulsionados pela conveniência ou pelo desejo de obter vantagens.

Muitas vezes bastou a conversão do príncipe para que se convertesse toda a tribo. Frequentemente os interesses políticos se mesclaram com os religiosos, e não seria aventureiro dizer que se produziram conversões à força. Houve batismos massivos sem que os precedesse a devida catequese. O batismo já não selava o processo de iniciação cristã, mas era mais seu ponto de partida. Assim, a Igreja foi crescendo em número, porém seus membros careciam daquela formação pessoal profunda que daria o catecumenato⁴³.

Bollin; Gasparini⁴⁴ corroboram na interpretação de que na sociedade medieval “a catequese não existe. A iniciação religiosa das crianças e a orientação dos jovens são deixadas à prática tradicional. Pais e padrinhos devem ensinar aos filhos a profissão de fé e o pai-nosso”. Não existindo uma catequese organizada e estruturada como no processo de iniciação cristã da Igreja Antiga, resolve-se o problema da instrução na fé dos batizados com a pregação litúrgica que

reduzia-se a explicar simplesmente ao longo do ano litúrgico o credo e o pai-nosso, que o povo devia repetir para reter na memória, juntamente com o decálogo e a lista das virtudes e dos vícios. A catequese familiar consistia em fazer aprender aos filhos

³⁸ LELO, Antônio Francisco. *Pedagogia Catecumenal: moda ou herança?* *Revista de Catequese*, São Paulo, Salesiana Dom Bosco, n. 125, jan. 2009, p. 12.

³⁹ BOLLIN; GASPARINI, 1998, p. 67.

⁴⁰ RODRIGO, 2004, p. 566.

⁴¹ LIMA, 2009, p. 11.

⁴² LELO, 2009, p. 8.

⁴³ RODRIGO, 2004, p. 566.

⁴⁴ 1998, p. 66.

as fórmulas da fé e as orações, e explicar-lhes de modo adaptado à sua mentalidade a pregação escutada na Igreja⁴⁵.

Contudo, existiam desafios a uma boa pregação litúrgica. Nem todos os párocos podiam adquirir uma Bíblia porque eram pobres, outros não tinham formação cultural suficiente para as pregações. Para resolver esse problema, surgiram os homiliários, *a bíblia dos pobres* e também as escolas para a educação cristã⁴⁶. O próprio povo não sabia ler ou não compreendia bem o latim. Todavia, “os pregadores afastam-se cada vez mais da Bíblia e da figura salvífica de Cristo e insiste-se muito mais na moral”⁴⁷.

Os homiliários eram textos destinados à pregação elaborados por aqueles que tinham um alto nível cultural. As coleções de sermões, comentários bíblicos e das concordâncias, coleção de frases dos Padres e de autores profanos serviam de apoio para os pregadores. “Possuem ainda uma importância notável as narrações (por vezes lendárias) das vidas dos santos, as narrações piedosas e devotas e os romances edificantes”⁴⁸.

A *bíblia dos pobres* “consiste em quadros cujo tema central é a vida de Cristo, com cenas acessórias tiradas do Antigo Testamento que prefiguram a vida de Jesus. Cada imagem apresenta uma breve nota preliminar”⁴⁹. Ela trazia também representações da vida dos santos. Os afrescos, as pinturas, os baixos-relevos de portas e capitéis, os mosaicos constituíam-se também em imagens catequéticas. “As próprias catedrais podem ser definidas como verdadeiras e autênticas *Bíblias de pedra*”⁵⁰. Muitas destas imagens inculcavam o medo do inferno e apresentavam de forma aterrorizante os ensinamentos morais. “Imagens vivas eram, simplesmente, as representações dos mistérios do Natal, Paixão e Páscoa, que atraíam o povo, facilitando sua compreensão dos ritos da liturgia oficial”⁵¹.

As escolas cristãs eram centros de formação para os aspirantes a monges ou a sacerdotes e foram erigidas em torno dos mosteiros, das catedrais e das paróquias⁵². Com o crescimento e o avanço científico destas escolas, novos problemas eclodiram para a catequese.

A reflexão teológica nas universidades torna-se mais científica - segundo o conceito aristotélico de ciência – a partir do século XIII. Isso traz consigo crescente separação entre a escolástica e a instrução simples, porém, também, por influência da teologia científica, a catequese se torna árida e discursiva, converte em temas candentes

⁴⁵ RODRIGO, 2004, p. 567.

⁴⁶ RODRIGO, 2004, p. 566; BOLLIN; GASPARINI, 1998, p. 67.

⁴⁷ BOLLIN; GASPARINI, 1998, p. 68.

⁴⁸ BOLLIN; GASPARINI, 1998, p. 85.

⁴⁹ BOLLIN; GASPARINI, 1998, p. 69.

⁵⁰ BOLLIN; GASPARINI, 1998, p. 69.

⁵¹ RODRIGO, 2004, p. 568.

⁵² RODRIGO, 2004, p. 566.

algumas questões marginais, torna-se antropocêntrica e moralizante, e favorece uma concepção mágica dos sacramentos⁵³.

Lelo⁵⁴ aponta outro grande desafio surgido com o feudalismo: a origem do individualismo litúrgico devocional do século IX.

O devocionismo propõe-se a substituir a liturgia. É mais espontâneo com intenso sentimento religioso, origina práticas devotas e expressões próprias de culto. Com o devocionismo os mistérios da vida de Cristo são objeto de reflexão, de oração pessoal, de recolhimento e de meditação, porém não conduzem a uma celebração objetiva. Atua só na superfície, sem penetrar os mistérios.

A partir dessas considerações, percebe-se que na cristandade houve uma mudança de perspectiva da catequese. Antes o querigma era o ponto central e de partida da catequese, e se esperava do adulto uma verdadeira conversão. O catecumenato era o processo de iniciação na comunidade e aos mistérios. Na cristandade, Bollin; Gasparini⁵⁵ asseveram o seguinte:

- o mistério da Santíssima Trindade é o ponto de partida de tudo e não Jesus Cristo;
- Jesus Cristo é visto menos na perspectiva pascal de ressurreição e muito mais no momento de sua Paixão;
- a Igreja mais do que mãe, corpo de Cristo, é vista como instituição jurídica;
- sublinha-se fortemente a consciência de ser pecador e muito menos o fato de sermos filhos de Deus.

O Concílio de Tortosa, de 1429, visando à reforma da catequese, estabelece os conteúdos da doutrina cristã que devem ser ensinados a todos os fiéis: os artigos da fé (o que crer), o pai-nosso (o que pedir), os dez preceitos da lei (o que observar), os sete pecados capitais (o que se evitar), a glória do Paraíso (o que esperar) e as penas do Inferno (o que temer). Esta reforma não alcançou o seu objetivo, mas acenou para a elaboração dos manuais de instrução nos anos seguintes, que seriam chamados de catecismo⁵⁶.

Ao se concluir a Idade Média, a catequese encontra-se em momento de franca decadência. A ignorância religiosa é profunda e generalizada. [...] A ausência do elemento bíblico, o antropocentrismo e o moralismo, e o descuido da liturgia, defeitos que vinham caracterizando a vida cristã deste período, aparecem agora aguçados. [...] A esta situação, que foi qualificada como de *vazio catequético*, teve de suceder logicamente uma séria tentativa de reforma⁵⁷.

Então, nesse longo período de aproximadamente dez séculos, o processo de iniciação cristã é abandonado, pois numa sociedade toda cristã a pessoa não precisa ser iniciada. Ela apenas é preparada para receber os sacramentos, pois já nasceu imersa na realidade sacralizada. É o período do catecumenato social. A família é a principal responsável pela transmissão dos

⁵³ RODRIGO, 2004, p. 567.

⁵⁴ 2009, p. 12.

⁵⁵ 1998, p. 70.

⁵⁶ BOLLIN; GASPARINI, 1998, p. 87; LIMA, 2016, p. 37.

⁵⁷ RODRIGO, 2004, p. 568.

valores religiosos para os filhos. Porém, a formação cristã para o verdadeiro seguimento a Jesus empobrece e, em consequência, o devocionismo e a fé individualista se fortalecem.

1.3 A catequese na Idade Moderna (séc. XV-XVIII)

Diante de uma nova era que se constitui a partir da soberania da razão e da falta de conhecimento religioso pelo fracasso da formação catequética, emerge uma força reacionária dentro da Igreja que provocou a reestruturação da instrução religiosa. O aparecimento da imprensa e os catecismos das Igrejas da Reforma impeliram a publicação de catecismos católicos nos vários países e dioceses. Esses catecismos antiprotestantes foram instrumentos para a formação catequética em algumas colônias europeias. Estabeleceu-se então a era do catecismo. No entanto, a estruturação da catequese para as crianças culminou na escolarização desta e, nos anos seguintes, a influência do pensamento iluminista desencadeou um processo transformando-a em ensino religioso.

Na visão de Bollin; Gasparini⁵⁸, no período de transição da Idade Média para a Contemporânea, na Europa,

a miséria espiritual e religiosa do povo cristão caracteriza-se por uma notável ignorância da mensagem evangélica e em especial da Bíblia; uma vida cristã reduzida a um conjunto de deveres e preceitos a observar; uma mentalidade pagã e supersticiosa; um devocionismo concentrado principalmente no culto dos santos e de Nossa Senhora e sobre a veneração da eucaristia; a privatização da liturgia; um subjetivismo religioso que se resume à preocupação de salvar a alma e ganhar o paraíso.

É neste contexto de pobreza religiosa que os reformadores decidem pela elaboração de manuais de instrução religiosa, isto é, dos catecismos das Igrejas da Reforma. Esses foram um instrumento para ensinar a doutrina cristã.

A carência da situação religiosa-pastoral do povo faz amadurecer em Lutero e Calvino a convicção de que a reforma da vida cristã dependeria fundamentalmente do ensino da doutrina cristã. Isso justifica o seu sério empenho catequético, em virtude do qual podem ser colocados entre os pioneiros da catequese moderna⁵⁹.

Os catecismos de Lutero foram elaborados levando em consideração as coisas necessárias para a salvação do cristão: saber o que deve fazer e o que deve evitar (decálogo), saber onde deve buscar a força para o fazer (credo/fé) e de que modo deve procurar e obter essa força (pai-nosso/oração). Sua “intenção é construtiva e pastoral e não polêmica, são ricos de

⁵⁸ 1998, p. 107.

⁵⁹ BOLLIN; GASPARINI, 1998, p. 109-110.

piedade, de espiritualidade, de proximidade da Sagrada Escritura”⁶⁰. Segundo Rodrigo⁶¹, “a rapidíssima difusão dos catecismos de Lutero deve-se principalmente à simplicidade da exposição, ao engate imediato com as preocupações religiosas populares e à linguagem simples e direta que empregou”.

Se a preocupação dos escritos catequéticos de Lutero é pastoral, a de João Calvino (1509-1564) é fundamentalmente doutrinal. Nesse sentido, torna-se protótipo da maioria dos catecismos seguintes, que, quase não passando de pequenos sumários de teologia, procuram apresentar de um modo amplo, ordenado e rigoroso, toda a doutrina a saber obrigatoriamente por pequenos e grandes. O catecismo torna-se, assim, regra de fé⁶².

Perante a repercussão dos catecismos da Reforma, principalmente entre os jovens, e pela rapidez da difusão do pensamento protestante, os catecismos da Igreja Católica despontaram como uma reação antiprotestante. Os católicos compilaram manuais da doutrina cristã para crianças e outros fiéis⁶³. Destaque para a *Summa*, um dos catecismos de São Pedro Canísio.

Modelo de síntese teológica precisa, de caráter pastoral, orientada para a vida e a santidade cristã. A “Summa” está dividida em duas partes: *a sabedoria*, que reagrupa a fé (símbolo), a esperança (pai-nosso e orações), a caridade (decálogo e preceitos da Igreja) e *os sacramentos*, a justiça cristã, que examina os pecados a evitar e o bem a fazer⁶⁴.

Rodrigo⁶⁵ determina um paralelo entre o catecismo de Lutero e o de Canísio, que chama a atenção, pois possibilita inferir a intenção pastoral dos respectivos autores e suas preocupações pedagógicas: “Enquanto Lutero, emocional, escreve para a pregação e a catequese familiar, Canísio, racional e frio, escreve para as aulas”.

O catecismo do jesuíta Edmondo Auger se contrapôs ao de Calvino. Ao redigi-lo, ele respondeu ponto por ponto ao catecismo calvinista adotando o mesmo esquema: a fé, a lei, a oração e os sacramentos. Tem-se a preocupação apologética e o nivelamento entre as verdades fundamentais e os aspectos secundários. “Observa-se, por fim, que os artigos do símbolo, os mandamentos e os sacramentos estão justapostos e analisados e o conjunto oferece mais lições para aprender do que propriamente uma formação para a vida cristã”⁶⁶.

Na Itália, São Roberto Bellarmino se destacou pela elaboração de dois catecismos que foram aprovados pelo Papa Clemente VIII e tornados obrigatórios na diocese de Roma, sendo o texto oficioso da Igreja, o mais utilizado nas paróquias até a publicação do compêndio de Pio

⁶⁰ BOLLIN; GASPARINI, 1998, p. 111.

⁶¹ 1998, p. 568.

⁶² BOLLIN; GASPARINI, 1998, p. 111.

⁶³ RODRIGO, 1998, p. 569; BOLLIN; GASPARINI, 1998, p. 112.

⁶⁴ BOLLIN; GASPARINI, 1998, p. 114.

⁶⁵ 1988, p. 569.

⁶⁶ BOLLIN; GASPARINI, 1998, p. 115.

X em 1905. Foi apresentado como modelo mais autorizado para a compilação do catecismo universal no Concílio Vaticano I⁶⁷.

Os catecismos católicos começaram a ser redigidos e divulgados paralelamente com a realização do Concílio de Trento. Este evento ecumênico determinou a implantação da catequese paroquial dirigida, especialmente, às crianças. A responsabilidade que a família tinha sobre a educação religiosa de seus filhos se transferiu para as escolas e universidades, transformando-as em centros de formação cristã. As escolas eram dependentes da autoridade eclesiástica, eram supervisionadas pelo pároco ou pelo bispo e os professores faziam a profissão de fé⁶⁸. Assiste-se a um processo de escolarização da catequese, que foi organizada segundo as faixas etárias e com as classes separadas por gênero. Nesse sistema, o objetivo principal da lição de catequese é o conhecimento das verdades cristãs fundamentais e a sua memorização⁶⁹.

Evidencia-se que “para a grave ignorância religiosa, o Concílio propõe, por conseguinte, como remédio pastoral, a reorganização da instrução religiosa, na paróquia, baseada no dia festivo, centrada numa formação permanente de adultos e numa catequese elementar das crianças”⁷⁰. O Concílio de Trento, ao determinar a organização da instrução religiosa e ao propor a redação de um catecismo, sinalizou o empenho catequético da Igreja e a redescoberta da Bíblia na formação dos padres e na pregação⁷¹. Conforme Lima⁷²,

o *Concílio de Trento* (1545-1563), convocado para realizar a verdadeira Reforma da Igreja e fazer frente aos reformadores, entre outras coisas ordenou a publicação de um *catecismo* “em latim e em vulgar, baseado na Bíblia e nos padres ortodoxos para que os fiéis, instruídos por seus mestres, recordassem a profissão de fé no Batismo e se preparassem para o estudo da Bíblia” (Introd.). Note-se bem, conforme a mentalidade da época, a precedência do catecismo sobre a Bíblia! Zeloso bispo de Milão, São Carlos Borromeu, foi seu coordenador de redação. Tendo sido publicado em 1566 com o título de *Catechismus ad parochos* [Catecismo para os párocos], é conhecido também como *Catecismo de Trento ou Romano*.

A finalidade do catecismo de Trento era ser uma referência para a pregação que devia ser adaptada ao destinatário. Ele foi construído em quatro partes: credo, sacramentos, mandamentos e oração. Bollin; Gasparini⁷³ o caracterizam da seguinte maneira:

Do texto está ausente qualquer tipo de discussão de escolas teológicas. Não tem caráter polêmico, é expositivo, não se apresenta sob a forma de perguntas-respostas, é rico em frequentes apelos à Bíblia e aos Padres. O objetivo da doutrina é dar a conhecer Cristo crucificado, único Salvador; e levar a seguir os seus passos. O plano doutrinal existe, pois, em função da ação pastoral e de um iluminado compromisso

⁶⁷ BOLLIN; GASPARINI, 1998, p. 117.

⁶⁸ RODRIGO, 1988, p. 569-570; BOLLIN; GASPARINI, 1998, p. 119.

⁶⁹ BOLLIN; GASPARINI, 1998, p. 127.

⁷⁰ BOLLIN; GASPARINI, 1998, p. 120.

⁷¹ BOLLIN; GASPARINI, 1998, p. 118.

⁷² 2016, p. 38-39.

⁷³ 1998, p. 121.

cristão. É o único catecismo que é fruto de um concílio ecumênico, com autoridade papal e com caráter oficial para toda a Igreja.

As ideias renascentistas conduziram à escolarização da catequese e à ênfase na moral. A catequese tornou-se ensino da religião, cujo foco era a transmissão de conhecimentos religiosos⁷⁴. Postula-se que, frente ao esforço pastoral tridentino, ainda não tinha despertado a consciência da Igreja para uma catequese iniciática, pois a preocupação era transmitir o conhecimento doutrinal. Por essa razão, a catequese continuava desintegrada da liturgia.

Sem superar o preconceito da insuperabilidade do latim como língua litúrgica, que perdurou até as vésperas do Vaticano II, perpetuou-se durante séculos a *falta de integração* da catequese com a liturgia, parte essencial do processo global de evangelização, permanecendo fechada em seus limites doutrinários⁷⁵.

No decorrer da história, os séculos XVII e XVIII foram marcados pelo movimento jansenista e pelo iluminismo. A catequese e a pregação não se preocupam mais em combater o protestantismo. Sua finalidade passa a ser “lançar ponte entre a Igreja e o mundo, entre a razão e a revolução, entre os dogmas e o progresso”⁷⁶. Nesta nova configuração social e cultural, os bispos se tornaram os responsáveis pela catequese e pela elaboração dos catecismos, por isso aconteceu a ampla difusão dos catecismos diocesanos. E nas paróquias, os párocos eram os responsáveis pela administração dos sacramentos, pela pregação e pela catequese⁷⁷.

Os catecismos clássicos foram substituídos pelos catecismos histórico-bíblicos, pois a própria catequese começou a ter uma orientação histórico-bíblica com a “redescoberta da dimensão bíblica como componente essencial da catequese, que se concretiza na aproximação ou na integração dos dois tipos de catequese, doutrinal e histórica e em colocar em paralelo dois textos, o do catecismo e o de história sacra”⁷⁸.

A catequese influenciada pelo iluminismo católico retomou a apologética e privilegiou a educação moral, entendida como autônoma à doutrina da fé e a serviço da formação do ser humano e do cidadão honesto. Conseqüentemente, a estrutura do catecismo passa por nova mudança, sendo organizada em três partes: a doutrina da religião (natural), a doutrina moral, a vida e a doutrina de Jesus. Sua metodologia também passa por uma renovação ao substituir a memorização das perguntas e respostas pelo método socrático baseado no diálogo, apreendido como conquista pessoal da ciência. Porém, a fé cristã se fundamenta na revelação divina que é comunicada, por isso o método socrático é um limite para a instrução na fé⁷⁹. Os catecismos

⁷⁴ RODRIGO, 2004, p. 570.

⁷⁵ LIMA, 2016, p. 39.

⁷⁶ BOLLIN; GASPARINI, 1998, p. 143.

⁷⁷ BOLLIN; GASPARINI, 1998, p. 143; 146.

⁷⁸ BOLLIN; GASPARINI, 1998, p. 151.

⁷⁹ BOLLIN; GASPARINI, 1998, p. 153-154.

“fazem apologia do cristianismo: é a religião mais natural e mais humana, é a moral mais santa e mais útil para a felicidade individual e a paz social que se procura”⁸⁰.

Catequizar nesse contexto queria dizer: aprender o essencial, de acordo com o método socrático. O iluminismo na sua expressão católica moderada apresenta os seguintes traços positivos: procura partir das possibilidades do homem, insiste naquilo que é a medida da criança, no que é pedagogicamente sustentável e nas Escrituras; fala, mesmo que o absolutize, de um método novo, o socrático⁸¹.

Em vista disso, na Idade Moderna a catequese se institucionalizou. A experiência vivencial cristã na família e na sociedade se descaracteriza, porque as escolas catequéticas alcançam seu auge com um plano de ensino, o catecismo, e professores autorizados eclesialmente. Todo processo escolar e catequético era monitorado pelos bispos. A ênfase no conhecimento da doutrina cristã adquiriu relevância sobre o processo iniciático que forma para o discipulado de Jesus Cristo. Aliás, postura reforçada pelo surgimento do devocionismo e da preocupação moral exacerbada. Cada vez mais, a catequese se distancia da experiência catecumenal dos primeiros séculos.

1.4 A catequese na Idade Contemporânea (séc. XVIII-XX) até o Concílio Vaticano II

No século XIX destacam-se duas correntes catequéticas: a de orientação histórico-teológica e de orientação neo-escolástica. A primeira é reconhecida como inovadora. Ela está ligada às novas escolas de teologia, que geralmente são antiescolásticas e possuem características do romantismo, pois elas aceitam o interesse do iluminismo pelo homem, são sensíveis à criatividade da liturgia e adotam a história bíblica pelo seu sentido dogmático e salvífico. Nessa escola se evidenciam os mestres Sailer e Hirscher. A compreensão de pastoral e de catequética de Sailer é cristocêntrica, cuja catequese deve ser baseada na Teologia e na Bíblia e deve-se adotar o método histórico e dialogal⁸². Segundo ele, “no ensino religioso e no púlpito, deve ter lugar não a teologia científica com seus conceitos, mas o Evangelho, o *kerigma*: ‘Devemos conhecer o dogma; mas o que devemos anunciar é o *Kerigma*’”⁸³.

Hirscher aprofundou a reflexão de seu mestre Sailer e propôs uma catequese bíblico-histórico-salvífico a partir da categoria Reino de Deus. Ele pensa a educação para a fé cristã como uma fé operante no amor, concebida como realização do Reino de Deus. Ele organizou o catecismo com os seguintes temas: 1) Deus Pai, criador onipotente do céu e da terra; 2) Deus

⁸⁰ RODRIGO, 2004, p. 570.

⁸¹ BOLLIN; GASPARINI, 1998, p. 154.

⁸² BOLLIN; GASPARINI, 1998, p. 175-177.

⁸³ BOLLIN; GASPARINI, 1998, p. 177.

Filho e Espírito Santo, salvador e santificador dos homens; 3) a justificação; 4) a vida do homem no estado de santificação; 5) a salvação e a santificação do homem na sua perene duração (a Igreja); 6) a obra da libertação do pecado, da santificação e da beatificação da humanidade, no seu desenvolvimento na terra e no seu cumprimento final⁸⁴.

A segunda corrente catequética que se sobressai no século XIX, a de orientação doutrinal, surge com o renascimento da teologia neo-escolástica sobretudo na Itália e na Alemanha. Os teólogos G. Perrone e J. Kleutgem, principais representantes desta corrente na Itália, “desconfiam do anúncio cristão baseado na Bíblia; pois estão convencidos de que a catequese deve ser pensada só na vertente da filosofia escolástica, ser apologética, defensiva, sistemática e privilegiar a organização essencial e lógica da matéria”⁸⁵.

Influenciado pela escola romana, J. Deharde redigiu um catecismo que foi muito difundido na Itália e suplantou o de Hirscher e de outros autores. Ele elaborou o seu catecismo da seguinte forma: uma síntese da história da religião – antes de Jesus Cristo, vida de Cristo, depois da Ascensão; e a exposição da doutrina cristã – fé, mandamentos, sacramentos e oração. As citações bíblicas são utilizadas apenas para confirmar a exposição doutrinal⁸⁶.

Desta maneira, o catecismo de Deharde torna-se um compêndio de tratados de teologia escolástica desse tempo, adaptado às crianças, mas abstrato, técnico, polêmico, claro e analítico; um livro respeitável, destinado a ser explicado pelo catequista e a ser decorado pelos alunos⁸⁷.

No século XX vários fatores favorecem outra mudança na catequese, “que é levada para uma apresentação da mensagem de maneira histórico-bíblica, centrada na pessoa e na ação de Cristo e existencialmente atenta aos problemas e à vida do homem”⁸⁸. Dentre estes fatores, de acordo com Bollin; Gasparini⁸⁹, pode-se mencionar:

- 1) a renovação teológica mais bíblica e mais atenta à vida humana, numa superação da teologia produzida pela neoescolástica. A reflexão teológica se volta para as fontes do pensamento cristão: sagrada escritura, tradição e liturgia;
- 2) a influência das correntes filosóficas – positivismo, existencialismo, modernismo e personalismo – que estimulam a catequese a uma análise antropológica com o intuito de colocar no centro a existência humana concreta e de valorizar a iniciativa pessoal do ato de fé;

⁸⁴ BOLLIN; GASPARINI, 1998, p. 178-179.

⁸⁵ BOLLIN; GASPARINI, 1998, p. 180.

⁸⁶ BOLLIN; GASPARINI, 1998, p. 180-181.

⁸⁷ BOLLIN; GASPARINI, 1998, p. 181.

⁸⁸ BOLLIN; GASPARINI, 1998, p. 208.

⁸⁹ 1998, p. 208-213.

3) a mudança sociocultural – mudanças nas comunidades tradicionais, na mentalidade dos homens, nas condições e concepções de vida. “Essa nova situação sociocultural obriga a catequese a interrogar-se sobre o método, sobre a linguagem, sobre os destinatários e sobre a própria finalidade”⁹⁰;

4) a renovação psicopedagógica – impulsiona a catequese a rever a sua concepção de criança e o seu método de transmissão da fé, abandonando a práxis pós-tridentina. Consequentemente, origina-se o *Método de Munique*, uma renovação metodológica a partir da análise e reflexão dos catequistas acerca de uma sociedade marcada pela industrialização e urbanização, e de uma nova pedagogia no contexto educacional.

Assim,

abandona-se a antiga análise exegética do texto do catecismo [...] e incorpora-se à catequese a didática dos graus formais: a *apresentação* do tema, intuitiva, feita mediante narrações ou comparações; a *explicação*, que procede do concreto ao geral, e se faz em diálogo com os catequizandos; a *aplicação* à vida concreta, que permite certa verificação prática do conteúdo da catequese⁹¹.

No Congresso de Munique de 1928, foi assumido o método da pedagogia ativa na catequese, cuja contribuição foi integrar o conhecimento religioso e a formação para a vida, transformando o grupo de catequese em um ambiente cristão, que já não era vivenciado na família e na sociedade⁹².

Avançando na busca pela renovação da catequese, pensa-se novamente na renovação querigmática, que seria a renovação do conteúdo, antes refletida por Fleury, Sailer, Hirscher, e agora estimulada por Jungman e Ranher, pois a

catequese não é uma divulgação de um sistema de verdades religiosas nem de princípios morais, mas sim o anúncio da mensagem cristã; o catequista, portanto, não é professor, mas testemunha que transmite uma mensagem na qual ele mesmo está implicado; o núcleo da mensagem é constituído pela pessoa de Jesus Cristo, e da sua relação com ele depende o valor de cada verdade particular; sua morte e ressurreição culminam a história da salvação, e sua graça é comunicada a nós e a todos os povos. O conteúdo prima sobre o método, e este será fiel às linguagens em que nos chega a mensagem: bíblica, litúrgica, doutrinal e testemunhal⁹³.

O movimento catequético, do final do século XIX e início do século XX, foi uma importante contribuição para a renovação pastoral da catequese pós-conciliar. Esse movimento foi constituído tanto de pessoas que repercutiam a instrução na fé quanto de ações que divulgavam as novas ideias. “Quer nos estudos patrísticos, bíblicos, na teologia, como na

⁹⁰ BOLLIN; GASPARINI, 199, p. 211.

⁹¹ RODRIGO, 2004, p. 571.

⁹² RODRIGO, 2004, p. 571.

⁹³ RODRIGO, 2004, p. 571.

pregação, na liturgia e no ecumenismo sopravam ventos renovadores que, quase naturalmente, desembocaram no Vaticano II⁹⁴.

Lima assegura que o Concílio Vaticano II foi a confluência e a expressão máxima desses movimentos renovadores. Portanto, o movimento catequético foi influenciado pela renovação bíblica, teológica, patrística, litúrgica e ecumênica e também pela renovação pedagógica. Ainda, de acordo com Lima⁹⁵, o movimento catequético

se deslocou em três direções consecutivas e interdependentes dentro da catequese: 1) o *movimento querigmático*, apontando para um retorno não só bíblico-litúrgico do ensino religioso, mas, sobretudo, para o seu núcleo central em torno do Mistério Pascal; 2) o *movimento antropológico-experencial* deslocando o interesse para a pessoa do catequizando e sua experiência vital dos mistérios da fé; e 3) o movimento *profético-libertador*, interessando-se pelas consequências sociopolíticas da vida cristã.

No início do século XX, salienta-se, também, a encíclica de Pio X, *Acerbo Nimis*, de 15 de abril de 1905, dedicada à catequese. Nela ele indica o ensino do catecismo para combater a ignorância religiosa e a corrupção moral, e que os párocos são responsáveis por este ensino. Essa encíclica suscitou a organização da catequese paroquial⁹⁶ e permitiu a primeira eucaristia para as crianças aos sete anos. Porém, nessa carta e em seu catecismo, o Papa opta pelo retorno à dimensão teológico-intelectual. De certa forma, houve uma força contrária à renovação do movimento catequético devido à valorização da dimensão teológico-intelectual, embora Pio X orientasse sobre a profissão de fé e sua repercussão na vida cotidiana. Por outro lado, ela desencadeou a organização da catequese nas instâncias paroquiais e diocesanas, a valorização e a formação dos catequistas⁹⁷.

A catequese do Brasil foi influenciada pelo movimento catequético, ainda que ela mantivesse o caráter doutrinal, tendo como fruto principal a elaboração dos Catecismos da Doutrina Cristã, “um catecismo *doutrinal-teológico* com fórmulas precisas e ao mesmo tempo simples, dentro do padrão doutrinal, e por isso mesmo memorizável. Eles se impõem em todo território nacional, perdurando suas edições sucessivas até os dias de hoje, com muito sucesso”⁹⁸. Esses catecismos foram o texto base da formação cristã até o Concílio Vaticano II, por isso o Catecismo do Pio X não foi implantado no Brasil, mas a *Acerbo Nimis* impulsionou a organização da catequese e uma valorização maior dos leigos no serviço catequético⁹⁹.

⁹⁴ LIMA, 2016, p. 53.

⁹⁵ 2016, p. 54.

⁹⁶ BOLLIN; GASPARINI, 1998, p. 213.

⁹⁷ LIMA, 2016, p. 56-57.

⁹⁸ LIMA, 2016, p. 57.

⁹⁹ LIMA, 2016, p. 56-57.

Portanto, o Concílio Vaticano II, motivado pelos movimentos litúrgico, bíblico, patrístico, teológico, e conseqüentemente, o catequético, indicou uma renovação pastoral que incidiu sobre a ação evangelizadora da Igreja. Com isso, a catequese iniciou um intenso processo de renovação permanente. No próximo capítulo, serão apresentados alguns aspectos do Magistério Conciliar que impulsionaram a conversão da pastoral catequética.

2 A CATEQUESE E A SUA RECEPÇÃO APÓS O CONCÍLIO VATICANO II

Após o breve percurso histórico realizado no primeiro capítulo, neste se propõe apresentar algumas decisões conciliares e como elas foram acolhidas na reflexão catequética. O serviço catequético, como uma dimensão missionária da evangelização, passou por transformações profundas. Desde uma catequese renovada, na qual buscou-se a interação fé e vida, superando o aspecto unicamente doutrinal, até a catequese de inspiração catecumenal, expressão máxima do processo contínuo de renovação pastoral.

O Concílio Vaticano II foi um evento eclesial que marcou profundamente a renovação da atividade pastoral católica. O Papa João XXIII, numa atitude ousada, aberto ao projeto de Deus e atento à realidade da sociedade moderna, foi capaz de intuir, pela moção do Espírito, a necessidade urgente de convocar um concílio ecumênico. Apesar de enfrentar oposição, o pontífice articulou sua preparação e concretizou sua abertura. Ele mesmo afirma no discurso inaugural: “Três anos de preparação laboriosa, consagrados a indagar ampla e profundamente as condições modernas da fé e da prática religiosa, e de modo especial da vitalidade cristã e católica”¹.

No discurso *Gaudet Mater Ecclesia*², João XXIII³ deixa claro que “a finalidade principal deste Concílio não é, portanto, a discussão de um ou outro tema da doutrina fundamental da Igreja, repetindo e proclamando o ensino dos Padres e dos Teólogos antigos e modernos, que se supõe sempre bem presente e familiar ao nosso espírito”. Ele deseja que o Magistério da Igreja encontre uma linguagem, para comunicar a fé, que faça sentido para o ser humano contemporâneo e este é o objetivo principal do Concílio: “que o depósito sagrado da doutrina cristã seja guardado e ensinado de forma mais eficaz”⁴.

É necessário que esta doutrina certa e imutável, que deve ser fielmente respeitada, seja aprofundada e exposta de forma a responder às exigências do nosso tempo. Uma coisa é a substância do “*depositum fidei*”, isto é, as verdades contidas na nossa doutrina, e outra é a formulação com que são enunciadas, conservando-lhes, contudo, o mesmo sentido e o mesmo alcance. Será preciso atribuir muita importância a esta forma e, se necessário, insistir com paciência, na sua elaboração; e dever-se-á usar a maneira de apresentar as coisas que mais corresponda ao magistério, cujo caráter é prevalentemente pastoral⁵.

¹ JOÃO XXIII. Discurso *Gaudet Mater Ecclesia*. In: *Concílio Vaticano II. Documentos do Concílio Ecumênico II* (1962-1965). São Paulo: Paulus, 1997, p. 23.

² Discurso proferido na abertura solene do Concílio, em 11 de outubro de 1962.

³ 1997, p. 27.

⁴ JOÃO XXIII, 1997, p. 26.

⁵ JOÃO XXIII, 1997, p. 28.

João XXIII esperava, com confiança, que o fruto do Concílio chegasse diretamente à humanidade, ajudando cada pessoa a reencontrar o bem espiritual, que é o próprio Jesus Cristo.

Iluminada pela luz deste Concílio, a Igreja, como esperamos confiadamente, engrandecerá em riquezas espirituais e, recebendo a força de novas energias, olhará intrépida para o futuro. Na verdade, com atualizações oportunas e com a prudente coordenação da colaboração mútua, a Igreja conseguirá que os homens, as famílias e os povos voltem realmente a alma para as coisas celestiais⁶.

Nesse discurso inaugural está claramente estabelecido o objetivo pastoral para a realização do Concílio Vaticano II. O projeto arquitetado pelo *papa bom* tomou forma através dos textos conciliares – constituições, decretos e declarações – que continuam sendo documentos relevantes e atuais para a atividade evangelizadora e catequética da Igreja. Porém, ele não produziu nenhum documento sobre a catequese. Entretanto, os princípios conciliares possibilitaram uma renovação da catequese, que já estava em curso com o movimento catequético desde o início do século XX.

Muitos teólogos, pastores e catequistas já reuniam esforços em prol da renovação da catequese em várias regiões do mundo, inclusive no Brasil. A busca por uma catequese contextualizada, adaptada à realidade sociocultural e às necessidades pessoais de cada catequizando estava em desenvolvimento. A proposta de uma catequese que fosse além da memorização dos enunciados teológicos da fé, condensados no catecismo, mas que permitisse ao catequizando descobrir o sentido desta fé para a sua vida.

Pode-se dizer que o Concílio, sem dúvida, trouxe consigo um modo novo de compreender a catequese e sua orientação. De certo modo, ele marca o fim de um longo período da história da catequese, no curso da idade moderna, caracterizado pelo uso preponderante dos catecismos e pela importância dada à memorização das fórmulas catequéticas. O Concílio convida a reconduzir a catequese à primeira fonte da palavra de Deus, redescoberta principalmente na Bíblia, a repensá-la tendo em vista a educação da fé como atitude existencial e global da pessoa, e a recolocá-la num projeto de Igreja mais comunal e diaconal. Mas o pós-concílio, sobretudo, é que irá desenvolver estas e outras orientações⁷.

Nessa perspectiva, serão oferecidas, pois, definições de alguns documentos do Concílio Vaticano II que desencadearam uma nova perspectiva para a missão catequética na Igreja, dando impulso à renovação iniciada pelo movimento catequético. Além disso, como estes documentos impactaram a reflexão sobre a atividade catequética resultando na publicação de muitos documentos pós-conciliares em todas as instâncias: universal, continental e nacional. Serão apresentadas, também, algumas intuições relevantes para a catequese iniciática, a partir

⁶ JOÃO XXIII, 1997, p. 23.

⁷ ALBERICH, E. *Catequese Evangelizadora*. Manual de Catequética Fundamental. Brasília: Dom Bosco, 2004, p. 36. Edição digital 2013.

das Conclusões de Medellín (1968), do Diretório Catequético Geral (1971), da exortação apostólica *Catechesi Tradendae* (1979) e do Catequese Renovada (1983). Com isso, devido a limitação necessária a esta pesquisa, elegeram-se apenas esses documentos por serem as publicações mais próximas ao evento conciliar. Assim, fica evidente o motivo de outros documentos muito significativos não serem citados, dentre eles: Puebla, o Diretório Geral Catequético (1998), o Diretório Nacional de Catequese (2005).

2.1 Algumas indicações dos documentos conciliares e pós-conciliares sobre a renovação da catequese

A constituição dogmática sobre a Revelação Divina, *Dei Verbum*, afirma que a catequese é uma forma de exercer o ministério da palavra e que ele tem sua origem na Sagrada Escritura. “Da mesma palavra da Sagrada Escritura também se nutre salutarmente e santamente floresce o ministério da palavra, a saber, a pregação pastoral, a catequese e toda a instrução cristã, na qual deve ter lugar de destaque a homilia litúrgica” (DV, n. 24).

A ideia de catequese como uma forma de realizar o ministério da palavra em favor da evangelização aparece nos diretórios catequéticos publicados posteriormente. A segunda parte do Diretório Catequético Geral (1971) é intitulada *O Ministério da Palavra*, e o primeiro capítulo desta parte desenvolve este conceito fundamentando-se nos documentos conciliares, mas de modo especial na *Dei Verbum*. Depois, este elemento perpassa todo o texto desse Diretório. O Diretório para a Catequese (2020) mantém o reconhecimento da catequese como uma das formas do ministério da palavra (DC, n. 37) e evidencia a sua finalidade: transmitir a revelação divina, para que a mensagem do Evangelho chegue a todos.

Ao longo desse processo de evangelização, realiza-se o *ministério da Palavra de Deus*, para que a mensagem do Evangelho alcance a todos. Esse ministério, ou serviço da Palavra (At 6,4), transmite a Revelação: Deus, de fato, que fala “através dos homens, à maneira humana” (DV, n. 12), serve-se da palavra da Igreja. Através dela, o Espírito Santo chega a toda a humanidade; Ele é aquele para o qual “ressoa a viva voz do Evangelho na Igreja, e através dela, no mundo” (DV, n. 8) (DC, n. 36).

A constituição sobre a Sagrada Liturgia, *Sacrosanctum Concilium*, determinou a restauração do catecumenato, instituição da Igreja Antiga. Ele é o processo de iniciação à fé e à comunidade, ou seja, é uma forma de iniciação cristã.

Restaure-se o catecumenato dos adultos dividido em diversas etapas, introduzindo-se o uso de acordo com o parecer do Ordinário do lugar. Desta maneira, o tempo do catecumenato, estabelecido para a conveniente instrução, poderá ser santificado com os sagrados ritos a serem celebrados em tempos sucessivos (SC, n. 64).

O decreto *Christus Dominus* determina que “providenciem também que se restabeleça a instituição dos catecúmenos adultos ou seja melhor adaptada” (CD, n.14). A definição conciliar de catecumenato pode ser encontrada no decreto sobre a Atividade Missionária da Igreja, *Ad Gentes*.

O catecumenato não é mera exposição de dogmas e preceitos, mas uma educação de toda a vida cristã e um tirocínio de certa duração, com o fim de unir os discípulos com Cristo seu Mestre. Sejam os catecúmenos convenientemente iniciados no mistério da salvação. Através da prática dos costumes evangélicos e pelos ritos sagrados que se celebram em tempos sucessivos, sejam introduzidos na vida da fé, da liturgia e da caridade do Povo de Deus (AG, n. 14).

O Ritual de Iniciação Cristã de Adultos, com o decreto de publicação em 06 de janeiro de 1972, é o cumprimento da determinação do Concílio Vaticano II de que se restaurasse o catecumenato.

Na constituição dogmática sobre a Igreja, *Lumen Gentium*, encontra-se uma afirmação pertinente que remete ao catecumenato antigo. Como mencionado no primeiro capítulo, os catecúmenos constituíam-se em uma classe eclesial. Neste documento conciliar os catecúmenos são reconhecidos como membros da Igreja. “Os catecúmenos que, movidos pelo Espírito Santo, querem por vontade explícita incorporar-se à Igreja, por este mesmo desejo a ela se ligam. Com amor e desvelo a Mãe Igreja já os abraça como seus” (LG, n. 14). Por sua vez, o Diretório Catequético Geral traz uma definição para catecumenato que se relaciona com este pertencimento, pois aborda a vida comunitária e a participação litúrgica dos adultos catecúmenos. “O catecumenato dos adultos, que é ao mesmo tempo catequese, participação litúrgica e vida comunitária, oferece um ótimo exemplo de tal instituição, que nasce da colaboração das diversas funções pastorais” (DCG, n. 130).

No decreto *Ad Gentes*, os padres conciliares admitem que o ministério dos catequistas se faz necessário frente ao número reduzido dos ministros ordenados. Também orientam que se deve cuidar da formação deles, de modo especial nas dimensões bíblica, litúrgica, metodológica e pastoral. Acenam para a formação inicial e permanente dos catequistas.

O ofício dos catequistas assume máxima importância em nossos dias, de clero tão reduzido diante da tarefa de evangelizar multidões e exercer o ministério pastoral. A formação deles, por conseguinte, deve aperfeiçoar-se e acomodar-se ao progresso cultural de modo que, como eficientes cooperadores dos sacerdotes, possam o melhor possível cumprir o seu ofício, agravado com novas e maiores obrigações.

Multipliquem-se as escolas diocesanas e regionais em que os futuros catequistas cultivem a doutrina católica, principalmente nas matérias bíblica e litúrgica, e também o método catequético e a praxe pastoral; formem-se segundo os costumes de homens cristãos, sempre se esforçando por cultivar a piedade e a santidade da vida. Ademais realizem-se reuniões ou cursos em que os catequistas possam renovar-se de tempos em tempos nas disciplinas e artes úteis ao seu ministério, e possam alimentar e revigorar sua vida espiritual (AG, n. 17).

O decreto sobre o Múnus Pastoral dos Bispos na Igreja, *Christus Dominus*, exige a adaptação do método da evangelização à realidade daqueles aos quais será transmitida a fé. Essa determinação será aplicada à atividade catequética, o que será constatado nos documentos catequéticos. Ainda cita, de forma explícita, a necessidade da catequese na Igreja. Acentua que ela deve ser oferecida a todos, ser adaptada à realidade dos catequizandos e para a sua realização deve ser buscado o método mais adequado. Ele também enfatiza a necessidade da formação dos catequistas e de reassumir o catecumenato.

Preocupem-se que a instrução catequética, que tem por fim tornar viva, explícita e operosa a fé ilustrada pela doutrina, seja administrada com diligente cuidado quer às crianças e adolescentes, quer aos jovens e mesmo adultos. Ao transmiti-la, observem-se a ordem apta e o método conveniente não só à matéria da qual se trata, mas também à índole, capacidade, idade e às condições de vida dos ouvintes. Assim a instrução se baseie na Sagrada Escritura, na Tradição, na Liturgia, no Magistério e na vida da Igreja.

Além disso, zelem que os catequistas sejam perfeitamente preparados para a sua missão, conheçam cabalmente a doutrina da Igreja e aprendam na teoria e na prática as leis da psicologia e as disciplinas pedagógicas (CD, n. 14).

O *Christus Dominus* ainda estabelece a elaboração de um diretório catequético para a instrução do povo cristão. “Nele se trate dos princípios fundamentais e da organização dessa instrução, bem como da elaboração de livros sobre o assunto” (CD, n. 44). Atendendo a esta resolução, no dia 11 de abril de 1971 foi publicado o Diretório Catequético Geral pela Sagrada Congregação para o Clero, aprovado por Paulo VI.

Na continuidade da reflexão sobre a atualização da linguagem e dos métodos, em 15 de agosto de 1997, saiu uma versão atualizada e ampliada do diretório. Sempre levando em consideração as mudanças na sociedade e na Igreja, novamente a reflexão é atualizada e culmina na publicação do Diretório para a Catequese, no dia 23 de março de 2020, pelo Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização.

Essas publicações sinalizam que o mandato conciliar continua inquietando os agentes pastorais. Num período de quarenta e nove anos foram divulgadas três versões do Diretório para a catequese. Estas publicações evidenciam a preocupação pastoral constante da Igreja em encontrar os métodos adequados para anunciar a Palavra ao ser humano contemporâneo, para que ele adentre no mistério divino e seja integrante ativo da comunidade cristã.

A declaração sobre a Educação Cristã, *Gravissimum Educationis*, atesta que a finalidade da catequese na educação cristã é “a formação catequética, que ilumina e fortifica a fé, nutre a vida segundo o espírito de Cristo, leva a uma participação consciente e ativa do mistério litúrgico e desperta para a atividade apostólica” (GE, n. 4). Nessa afirmação tem-se, em síntese,

a tarefa confiada à catequese no Ministério da Palavra e a finalidade proposta para a iniciação cristã.

Na ótica de Lima⁸, a renovação da catequese iniciada com o movimento catequético ganhou vigor e novo impulso, não apenas a partir das citações pontuais do Concílio sobre a catequese, mas principalmente pelas grandes questões por ele levantadas, tais como:

a nova visão teológica da revelação e da fé (*Dei Verbum*), da Igreja (*Lumen Gentium, Gaudium et Spes*), da evangelização (*Ad Gentes*), da liturgia (*Sacrosanctum Concilium*) e, mais genericamente, o grande interesse pela pessoa humana e sua cultura (virada antropológica), o diálogo com a cultura moderna (*Gaudium et Spes*), com as outras Igrejas cristãs e religiões não-cristãs (*Ad Gentes, Unitas Redintegratio, Nostra Aetate, Dignitatis Humanae*).

Com isso, “a catequese será iluminada e transformada pela renovação conciliar em seu conjunto, sobretudo no que se refere à sua identidade, finalidade, mensagem (conteúdo), destinatários ou interlocutores, metodologia, âmbitos e protagonistas”⁹.

2.2 As orientações do CELAM para uma catequese iniciática em Medellín

O Conselho do Episcopado Latino-Americano realizou a sua segunda Conferência Geral em Medellín, Colômbia, de 26 de agosto a 07 de setembro de 1968, com o tema “*A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio*”. Esta conferência foi convocada pelo Papa Paulo VI para a aplicação do Concílio Vaticano II na América Latina, a partir da solicitação da presidência do CELAM. Teve a participação de 249 pessoas, sendo 145 bispos, 70 padres e religiosos, 6 religiosas, 19 leigos e 9 observadores não católicos. É considerada como o início da renovação eclesial e de uma nova etapa de evangelização na América Latina, a resposta que a Igreja oferece para os sinais do tempo constatados neste continente¹⁰. “Não se trata de uma reunião qualquer, e sim de um evento eclesial e eclesiástico, com a força de um documento do magistério da Igreja Católica na América Latina”¹¹.

Segundo Murad¹², Medellín foi além do cumprimento dos princípios de renovação do Concílio Vaticano II, mas se tornou referência para o mundo. Ela “lançou os alicerces para

⁸ 2016, p. 86.

⁹ LIMA, 2016, p. 86.

¹⁰ CELAM. *Conferencias Generales del Episcopado Latinoamericano y Caribeño*. Disponível em: <https://celam.org/conferencias-generales/>. Acesso em: 31 out. 2023.

¹¹ MURAD, A. T. Medellín: história, símbolo e atualidade. *Horizonte. Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, v. 16, n. 50, p. 603, 31 ago. 2018. Disponível em:

<https://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2018v16n50p600/13555>. Acesso em: 31 out. 2023, p. 603.

¹² 2018, p. 602.

organizar uma ‘Igreja comunidade’, avançar na pastoral, refletir sobre a fé e atuar na sociedade”. E mais: “Medellín apreende as mais significativas contribuições do Concílio, mas não faz uma leitura literal, ou uma mera transposição, de forma subordinada. Ao contrário, acontece um processo de discernimento, assimilação criativa e abertura de novas trilhas”¹³.

Numa linguagem metafórica, este teólogo deixa claro o seguinte argumento:

Medellín é filha jovem do Vaticano II, que cultiva relação filial e caminha para a adulez. Ela criou seu perfil próprio, mantendo os vínculos. Com vigor juvenil, moveu-se com mais rapidez do que a mãe. Aprendendo o longo caminho de praticamente quatro anos do concílio, Medellín realizou breve síntese e inovadora reflexão, no curto prazo de 10 dias¹⁴.

Medellín foi um forte impulso para a renovação da catequese na América Latina. Entre os seus 16 capítulos, 1 é sobre a catequese, agrupado no segundo núcleo, *Evangelização e Crescimento na fé*, como uma resposta da Igreja às necessidades pastorais e missionárias do continente. O capítulo 8, sobre a catequese, está organizado em apenas 16 parágrafos, mas é profundamente rico em conteúdo. O seu plano consta do seguinte: I – Necessidade de uma renovação (n. 1-3); II – Características da renovação (n. 4-5); III – Prioridades na renovação catequética (n. 6-12); IV – Meios para a renovação catequética (n. 13-16). Intui-se que toda a reflexão se volta à atualização e renovação pastoral propostas pelo Concílio Vaticano II. A seguir serão mencionadas algumas recomendações de Medellín sobre a catequese que lançam para o horizonte da iniciação cristã.

Diante de um mundo em transformação, e considerando o atual processo de maturação da Igreja na América Latina, o movimento catequético sente a necessidade de uma profunda renovação que expresse a vontade da Igreja e de seus responsáveis de levar avante sua missão fundamental: educar eficazmente a fé dos jovens e dos adultos, em todas as camadas. Falhar neste ponto seria trair, ao mesmo tempo, a Deus, que confiou à Igreja sua mensagem, e ao homem, que necessita dela para salvar-se (Med, n. 8, 1).

Educar, com eficácia, na fé os jovens e os adultos imersos no mundo em transformação exige a renovação da catequese. A opção pela educação dessas faixas etárias remete ao catecumenato, a modalidade de catequese do cristianismo dos primeiros séculos. Igualmente, educar com eficácia, alude a esse processo de iniciação cristã que introduzia progressivamente o catecúmeno no mistério divino e na comunidade de fé. Assim, o convertido, consciente de seu novo estado de vida, era capaz de integrar a vida fraterna, a liturgia e o serviço na vida cotidiana. Chama a atenção que no primeiro parágrafo já aparece, de forma direta, o imperativo da renovação catequética e a sua justificativa. Imediatamente, já se faz menção à catequese com

¹³ MURAD, 2018, p. 605.

¹⁴ MURAD, 2018, p. 608.

jovens e adultos, sendo que a catequese para as crianças era a prática pastoral, herança da Igreja Moderna.

Sem cair em confusões ou em identificações simplistas, deve-se expressar sempre a unidade profunda que existe entre o plano divino da salvação, realizado em Cristo, e as aspirações do homem; entre a história da salvação e a história humana; entre a Igreja, povo de Deus, e as comunidades temporais; entre a ação reveladora de Deus e a experiência do homem; entre os dons e carismas sobrenaturais e os valores humanos (Med, n. 8, 4).

Uma das características da renovação, apresentada no n. 4, é a conhecida interação fé e vida. Esta definição possibilita mudanças profundas no jeito de realizar a catequese. A busca da integração entre o humano e o divino, dimensões da experiência existencial do ser humano. O verdadeiro discípulo de Jesus Cristo reconhece a partir do mistério da encarnação que as realidades humana e divina estão inter-relacionadas. É o rompimento com o dualismo entre profano e religioso. É a consciência de que a experiência com Deus supõe a sua participação na realidade humana, e desta na divina.

Por outro lado, a catequese deve conservar sempre seu caráter *dinâmico e evolutivo*. A tomada de consciência da mensagem cristã se faz *aprofundando* cada vez mais a compreensão autêntica da verdade revelada. Essa tomada progressiva de consciência, porém, cresce na medida do surgimento das experiências humanas, individuais e coletivas. Por isso a fidelidade da Igreja à *Revelação* tem que ser e é dinâmica. A catequese não pode, pois, ignorar em sua renovação as mudanças econômicas, demográficas, sociais e culturais sofridas na América Latina (Med, n. 8, 5).

Medellín aponta para a renovação constante na catequese. Inserida em uma sociedade em contínua transformação e por mudanças muito rápidas, a Igreja deve permanecer no processo de atualização. De fato, ela se esforça em compreender o ser humano e em procurar meios adequados para tornar a mensagem inteligível. Isto se pode verificar, por exemplo, pela realização de sínodos, de publicação de documentos do magistério, sempre explicitando as novas necessidades da evangelização do tempo presente em coerência com a sociedade em transformação.

A Igreja demonstra permanecer fiel à revelação divina e ao ser humano da atualidade, ao qual ela é enviada a comunicar o amor salvífico de Deus. Nos dias de hoje, ela incide recuperar a catequese de inspiração catecumenal superando a catequese meramente para a recepção dos sacramentos, embora coexistem as forças de resistência, em diversos níveis, apegadas às concepções anteriores ao Concílio.

A preocupação com os batizados não evangelizados está entre as prioridades da renovação catequética. Num contexto em que se batiza as crianças pela tradição cultural religiosa da família, quando a sociedade já não possui mais as bases cristãs como na cristandade, a Igreja é interpelada a repensar a educação cristã. Assim, o objetivo da evangelização dos

batizados é “levá-los a um compromisso pessoal com Cristo e a uma entrega consciente à obediência da fé. Daí a importância de uma revisão da pastoral da confirmação, assim como de novas formas de catecumenato na catequese de adultos, *insistindo na preparação para os sacramentos*” (Med, n. 8, 9).

Não basta, pois, repetir ou explicar a mensagem. Ao contrário, cumpre reexpressar incessantemente por novas maneiras, o Evangelho em relação com as formas de existência do homem, tendo em conta os meios humanos étnicos e culturais e *guardando sempre a fidelidade à palavra revelada* (Med, n. 8, 15).

Como resultado, a renovação carece de novas linguagens, flexíveis à situação dos catequizandos. Medellín acentua a superação da catequese baseada na repetição e memorização das fórmulas teológicas dos catecismos. A catequese iniciática implica a mistagogia, ou seja, a introdução no mistério, a aprendizagem mística. Ela ultrapassa a catequese escolar, cuja preocupação principal é a aprendizagem intelectual.

2.3 O Diretório Geral da Catequese (1971): ênfase no ministério da palavra

Cumprindo a ordem de *Christus Dominus* (n. 44), a Sagrada Congregação para o Clero publicou o primeiro diretório para a catequese, com a finalidade de “apresentar os princípios teológicos-pastorais básicos do Magistério da Igreja, especialmente do Concílio Vaticano II, para melhor orientação e coordenação da ação pastoral no mistério da palavra” (Introdução). Este Diretório Catequético Geral engloba seis partes:

I – A atualidade do problema: procura compreender a realidade atual, os desafios e contribuições das transformações culturais, sociais e religiosas numa sociedade marcada pelo avanço da ciência e da técnica;

II – O Ministério da Palavra: seguindo os princípios da *Dei Verbum* sobre a revelação divina, destaca que a missão do ministério da palavra é comunicar a mensagem da salvação ao ser humano em vista do seu crescimento e amadurecimento na fé;

III – A mensagem cristã: apresenta as principais verdades da fé e trata sobre as normas e critérios para a sua exposição na catequese;

IV – Elementos de metodologia: menciona alguns aspectos de maior importância, uma vez que o movimento catequético já ofereceu grande contribuição para a renovação da catequese;

V – A catequese segundo as idades: traz algumas informações dos estudos científicos sobre o desenvolvimento humano e oferece pistas metodológicas para o anúncio da mensagem aos variados grupos de catequizandos;

VI – A ação pastoral do ministério da palavra: orienta sobre a importância das instituições em âmbito nacional para o planejamento da ação catequética, da formação dos catequistas, da elaboração de instrumentos de trabalho, da promoção da pesquisa e da cooperação internacional.

Esse Diretório Geral é colocado em evidência para a elaboração dos nacionais ou regionais. O n. 77 refere-se à importância desses diretórios, por serem preparados de acordo com as situações concretas e os imperativos locais. Essa proposição é muito significativa, pois demonstra a continuidade da reflexão do Concílio Vaticano II, que permitiu à Igreja abrir-se à realidade hodierna para que a mensagem cristã seja acolhida e vivida no contexto sociocultural de cada pessoa. Por sua vez, o n. 103 assegura que o programa de ação para a catequese deve ser publicado através do Diretório Catequético. “Este programa determina os objetivos, os instrumentos da ação pastoral catequética e as normas que a regem, plenamente de acordo com as necessidades locais e ao mesmo tempo em total harmonia com os objetivos e normas da Igreja Universal”. Nele também deve se estabelecer a função de cada pessoa ou grupo eclesial envolvidos na atividade catequética.

Algumas indicações do Diretório de 1971 apontam, mesmo que implicitamente, para a catequese iniciática, ainda que nele se encontrem duas formas de catequese: a instrução religiosa escolar ou extraescolar para crianças e adolescentes, e o catecumenato para adultos não batizados ou batizados, mas não iniciados (DCG, n. 19). Sinaliza que a catequese é a mediação para o conhecimento mais profundo de Deus e de seu plano de salvação, que proporciona ao catequizando alcançar uma fé madura e se tornar testemunha do evangelho (DCG, n. 21). Ela não deve apenas despertar para a experiência religiosa, mas deve ajudar a compreender o plano divino através da Sagrada Escritura e da Tradição (DCG, n. 24). Essa concepção se equipara à introdução no mistério, aspecto da iniciação cristã tão desejado e almejado pela Igreja na atualidade: a pedagogia mistagógica em todo o processo catequético.

O Diretório ratifica outro aspecto fundamental que caracteriza o processo de iniciação cristã: a relação entre catequese e liturgia.

A catequese deve promover uma participação ativa, consciente, autêntica na liturgia da Igreja, não só explicando a significação dos ritos, mas também educando o espírito dos fiéis para a oração, para a ação de graças, para a penitência, para a confiança na oração, para o sentido comunitário, para uma compreensão adequada dos símbolos, pois tudo isso é necessário para haver uma verdadeira vida litúrgica (DCG, n. 25).

Finalmente, o Diretório esclarece que a catequese “desempenha, ao mesmo tempo, as funções de iniciação, de educação e de instrução. É de grande importância que a catequese conserve a riqueza destes diversos aspectos de sua atividade, de tal modo que nenhum aspecto

seja isolado com prejuízo dos outros” (DCG, n. 31). Aqui está explícito que a catequese possui a dimensão iniciática, que atualmente é reconhecida como indispensável para a formação dos verdadeiros discípulos.

Como já mencionado, o Concílio Vaticano II concebe a catequese como uma das formas de realizar o ministério da Palavra. De acordo com o Diretório, “o ministério da palavra não é uma mera repetição da doutrina antiga, mas uma reprodução fiel desta, adaptada aos nossos problemas e com uma compreensão cada vez mais profunda” (DCG, n. 13) ou ainda, “o ministério da palavra é a comunicação da mensagem da salvação: leva o Evangelho aos homens” (DCG, n. 16). Nela se encontra claramente a renovação pastoral do concílio. Anunciar a mesma e única fé, mas com uma linguagem atualizada e contextualizada, para que ela seja inteligível para os homens e mulheres do mundo contemporâneo atribuindo-lhes sentido à sua existência.

O ministério da palavra não só recorda a revelação das maravilhas de Deus, realizadas no passado e levadas à plenitude em Cristo, mas ao mesmo tempo, à luz desta revelação, interpreta a vida humana da nossa época, os sinais dos tempos e as realidades deste mundo, visto ser através delas que se realiza o plano de Deus para a salvação dos homens (DCG, n. 11).

A comunicação da mensagem tem a finalidade de “despertar uma fé viva, que converta a mente a Deus, leve a uma adesão à sua ação, conduza a um conhecimento vivo das realidades expressas pela Tradição, apresente e manifeste a verdadeira significação do mundo e da existência humana” (DCG, n. 16). Mas qual mensagem comunicar? Qual conteúdo deve ser anunciado? A obra salvífica de Deus em Cristo Jesus, esta é a fé cristã. O Diretório diz o seguinte:

O objeto da fé abrange toda uma realidade complexa por natureza: Deus no seu mistério e sua intervenção salvífica na história. Tudo isso nos é conhecido através daquilo que o próprio Deus revelou sobre si mesmo e suas obras. Tanto na intervenção salvífica de Deus, quanto na sua manifestação aos homens, Cristo ocupa o ponto central. Portanto, o objeto da catequese são os mistérios e as obras de Deus, isto é, as obras que Deus realizou, realiza e realizará por nós homens e por nossa salvação (DCG, n. 39).

A catequese, enquanto anúncio da salvação de Deus, é predominantemente cristocêntrica. O n. 16 já evidenciava que todas as verdades da fé devem estar em relação a Jesus Cristo.

As verdades da fé incluem o amor de Deus, que criou tudo por causa de Cristo e nos ressuscitou em Cristo Jesus. Os vários aspectos do mistério devem ser apresentados de tal maneira que o fato central, Jesus, esteja no primeiro plano e as outras verdades da doutrina católica apareçam pedagogicamente ordenadas e hierarquizadas em relação a ele (DCG, n. 16).

O Diretório repete novamente que “a catequese deve ser necessariamente cristocêntrica” e, de certa forma, ele oferece a justificativa: “Cristo Jesus, o Verbo Encarnado de Deus, sendo a razão suprema pela qual Deus intervém no mundo e se manifesta aos homens, constitui o centro da mensagem evangélica no contexto da história da salvação” (DCG, n. 40).

Dessa forma, o primeiro diretório catequético assume algumas dimensões imprescindíveis à catequese iniciática: a íntima relação entre liturgia e catequese; a mistagogia; a adesão livre e consciente a Jesus Cristo e seu Reino.

2.4 A IV Assembleia Geral do Sínodo dos Bispos (1977) e a exortação apostólica *Catechesi Tradendae* (1979)

De 30 de setembro a 29 de outubro de 1977, aconteceu a IV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos com a participação de 204 padres sinodais. O tema foi “A catequese em nosso tempo”. Na Sala de Imprensa da Santa Sé, encontra-se a sucinta informação a seguir:

Os padres sinodais trataram do tema da catequese em nosso tempo com particular referência às crianças e aos jovens. Eles apresentaram ao Papa uma série de 34 propostas ou proposições e mais de 900 sugestões sobre o tema em questão. Nas proposições foram tratadas 6 áreas gerais: a importância da renovação catequética, a natureza da verdadeira catequese, as pessoas envolvidas na catequese, a necessidade contínua de uma catequese para todos os cristãos; os meios ou canais da catequese e os aspectos particulares relativos à catequese.

Naquela ocasião, os padres sinodais, pela primeira vez, publicaram uma declaração sinodal intitulada Mensagem ao Povo de Deus. Os padres sinodais em tal Mensagem, portanto, reforçaram que Cristo é o centro da salvação e, então, da catequese. Ao mesmo tempo colocaram em evidência que todos os cristãos têm a responsabilidade de levar Cristo ao mundo.

Pouco depois da conclusão deste Sínodo, o Papa João Paulo II publicou a Exortação Apostólica "Catechesi tradendae" de 17 de Outubro de 1979, que faz uso de um grande número de reflexões e de propostas dos padres sinodais¹⁵.

No início dessa informação, reitera-se que o tema sobre a catequese foi tratado a partir da atualidade. Esse critério do Concílio Vaticano II continua sendo uma norma indispensável para refletir sobre a renovação pastoral pós-conciliar. De acordo com Antoniazzi¹⁶,

tomar consciência, com realismo, da situação. Ver de olhos abertos as mudanças, os problemas, os obstáculos. Compreender as aspirações da nossa época, especialmente das novas gerações. São, todas essas, preocupações dos Bispos que participaram do Sínodo de 1977. Preocupações que se manifestaram desde as primeiras intervenções no plenário até a mensagem final, dirigida pelos Padres Sinodais ao “povo de Deus”.

¹⁵ SALA DE IMPRENSA DA SANTA SÉ. *Sínodo dos Bispos*. Disponível em: https://www.vatican.va/news_services/press/documentazione/documents/sinodo/sinodo_documentazione_generale_po.html. Acesso em: 1 nov. 2023.

¹⁶ ANTONIAZZI, A. Mundo – Igreja – Catequese. In: ANTONIAZZI, A.; OLIVEIRA, R. M. de. *A catequese à luz do sínodo-1977*. São Paulo: Dom Bosco, 1978, p. 9.

Os bispos entendem que a renovação catequética levará à renovação eclesial. Mas, para uma verdadeira renovação, é preciso avaliar a realidade sociocultural onde estão inseridos as crianças e os jovens.

Era necessário examinar, sempre à luz da Palavra de Deus, os sinais dos tempos, com o fim de renovar a catequese e de insistir na sua importância no conjunto da ação pastoral. Tanto mais que o dinamismo da ação catequética da Igreja é bem reconhecido quase em toda a parte e ótimos são os resultados que promete para a renovação de toda a comunidade eclesial (MPD, n. 1).

A Mensagem ao Povo de Deus na conclusão do Sínodo é um texto bem estruturado e articulado: Introdução; I – O mundo, os jovens, a catequese; II – A catequese, manifestação da salvação em Cristo; III – A catequese, obra de toda a Igreja; Conclusão¹⁷. Dela, podem-se destacar alguns pontos relevantes.

Logo no primeiro parágrafo, é apresentado o conceito de catequese que foi desenvolvido pelos padres sinodais. A catequese é entendida como uma

atividade constantemente necessária para uma intensa e ativa difusão da Palavra de Deus, para o conhecimento mais aprofundado da pessoa e da mensagem salvadora de Nosso Senhor Jesus Cristo; atividade que leva à educação ordenada e progressiva da fé e se encontra intimamente unida a um contínuo processo de maturação na mesma fé (MPD, n. 1).

Também é concebida como uma “ação eclesial em favor deste mundo e sobretudo das gerações que vão crescendo, e tende a conseguir que a vida de Cristo transforme e leve à plena realização a vida dos jovens” (MPD, n. 3). E mais, ela deve se “dirigir exatamente a essas crianças, jovens e adultos que vivem neste mundo concreto tal como é, e no qual a Igreja tem a missão de proclamar a palavra salvadora” (MPD, n. 4). Embora o Sínodo esteja voltado para a catequese com crianças e jovens, ele ainda trata da catequese com adultos.

Os bispos afirmam que para satisfazer as necessidades do tempo atual, a catequese deverá desenvolver a renovação iniciada. Com esta prerrogativa, verifica-se que os princípios conciliares de atualização da Igreja continuam sendo assumidos pelo Magistério. Atualização que implica fidelidade a Deus e ao ser humano.

O Sínodo exorta, portanto, as comunidades cristãs a que se renove a nossa catequese, que é essencialmente anúncio do Evangelho, Boa Nova, manifestando-se, contudo, sempre numa linha de realismo que leve a catequese à fidelidade e a uma profundidade autêntica em todos os aspectos (MPD, n. 6).

No n. 7 ressalta-se que o mistério de Cristo é o centro da evangelização, da qual a catequese faz parte. Então se reafirma a catequese cristocêntrica já adotada no Diretório Catequético Geral. Esta catequese tem como modelo o catecumenato batismal. “A substância

¹⁷ BISPOS SINODAIS. Mensagem ao Povo de Deus. In: ANTONIAZZI, A.; OLIVEIRA, R. M. de. *A catequese à luz do sínodo-1977*. São Paulo: Dom Bosco, 1978, p. 73.

integral do Evangelho, que é transmitida por meio do Símbolo da fé, encerra o núcleo fundamental do mistério de Deus Uno e Trino, como nos foi revelado no mistério do Filho de Deus Encarnado e Salvador, que vive sempre na sua Igreja” (MPD, n. 8). Este aspecto é preponderante para o desenvolvimento de uma catequese de inspiração catecumenal que está em processo na Igreja do Brasil.

A catequese iniciática ainda pode ter como base a definição dos padres sinodais sobre a originalidade da psicologia da fé.

Para qualquer forma de catequese se realizar na sua integridade, é necessário estarem indissolúvelmente unidos:

- o conhecimento da Palavra de Deus,
- a celebração da fé nos sacramentos
- e a confissão da fé na vida cotidiana.

Por isso, tem a psicologia da fé caráter próprio: encontro com a pessoa de Cristo, conversão do coração, experiência do Espírito de comunhão com a Igreja (MPD, n. 11).

As conclusões do sínodo serão desenvolvidas por João Paulo II, na exortação apostólica *Catechesi Tradendae*, em sequência ao trabalho iniciado por Paulo VI. Ela foi redigida a partir das proposições dos bispos sinodais e a pedido destes (CT, n. 4).

No primeiro número de *Catechesi Tradendae*, João Paulo II começa delineando o conceito de catequese levando em conta todas as ações eclesiais em vista de sua finalidade: a formação dos discípulos missionários.

Bem depressa se começou a chamar catequese ao conjunto dos esforços envidados na Igreja para fazer discípulos, para ajudar os homens a acreditarem que Jesus é o Filho de Deus, a fim de que, mediante a fé, tenham a vida em seu nome, para os educar e instruir quanto a esta vida e assim edificar o Corpo de Cristo (CT, n. 1).

Ainda na introdução, João Paulo II destaca a visão dos padres sinodais quanto à renovação da catequese e como ela tem sido abraçada pela Igreja em todo o mundo. O Sínodo “viu na renovação catequética um dom precioso do Espírito Santo à Igreja nos dias de hoje; um dom ao qual correspondem as comunidades cristãs, em todas as partes do mundo e a todos os níveis, com uma generosidade e uma dedicação inventiva que suscitam admiração” (CT, n. 3).

Na primeira parte foi desenvolvido o tema do cristocentrismo na catequese.

Objeto essencial e primordial da catequese é o mistério de Cristo. (...) Deseja-se acentuar, antes de mais nada, que no centro da catequese nós encontramos essencialmente uma Pessoa: é a pessoa de Jesus de Nazaré, “Filho único do Pai, cheio de graça e de verdade”, que sofreu e morreu por nós, e que agora, ressuscitado, vive conosco para sempre” (CT, n. 5).

De acordo com a visão cristocêntrica, *Catechesi Tradendae* define a catequese como a transmissão da verdade, ou seja, a transmissão do ensinamento de quem é Jesus: o Cristo, Verbo Encarnado e Filho de Deus. Todos os outros ensinamentos devem se relacionar com esta

verdade. Outro ponto indiscutível: somente ele é quem ensina; os evangelizadores são seus porta-vozes (CT, n. 6).

Nesse sentido, catequizar é também “procurar desvendar na Pessoa de Cristo todo o desígnio eterno de Deus que nela se realiza. É procurar compreender o significado dos gestos e palavras de Cristo e dos sinais por ele realizados, porquanto eles ocultam e revelam ao mesmo tempo o seu Mistério” (CT, n. 5). À luz disso, a doutrina de Jesus é concebida como a comunicação do Mistério vivo de Deus (CT, n. 7).

Assim sendo, “a finalidade definitiva da catequese é a de fazer com que alguém se ponha, não apenas em contato, mas em comunhão, em intimidade com Jesus Cristo: somente ele pode levar ao amor do Pai no Espírito e fazer-nos participar na vida da Santíssima Trindade” (CT, n. 5). Portanto, “é somente numa comunhão profunda com ele (Jesus) que os catequistas encontrarão luz e força para uma desejável renovação autêntica da catequese” (CT, n. 9).

Nessa exortação apostólica, João Paulo II discorre sobre a relação da catequese com a Igreja. Esta explicitação é imprescindível, pois ainda é possível encontrar atividades catequéticas desvinculadas da compreensão eclesial proposta pelo Vaticano II, mas também, como recentemente, a acentuação e a busca de uma catequese verdadeiramente iniciática na comunidade de fé e no mistério. “A catequese anda intimamente ligada com toda a vida da Igreja. Não é somente a extensão geográfica e o aumento numérico, mas também e mais ainda, o crescimento interior da Igreja, a sua correspondência ao desígnio de Deus” (CT, n. 13). O seu crescimento interior pode se direcionar à dimensão mística, espiritual da Igreja, ao amadurecimento sempre crescente de cada fiel, na fé, e na sua relação pessoal com Deus. Acredita-se em um processo mistagógico na ação catequética. Por isso,

a Igreja, neste século XX prestes a terminar, é convidada por Deus e pelos acontecimentos, que são outros tantos apelos da parte de Deus, a renovar a sua confiança na atividade catequética, como uma tarefa verdadeiramente primordial da sua missão; ela é convidada a consagrar-se à catequese os seus melhores recursos de pessoal e de energias, sem poupar esforços, trabalhos e meios materiais, a fim de organizar melhor e de formar para a mesma pessoas qualificadas. Nisto não há que ater-se a um cálculo simplesmente humano, mas tem de haver uma atitude de fé. E uma atitude de fé refere-se sempre à fidelidade de Deus, que não deixa nunca de corresponder (CT, n. 15).

Naquele espírito de busca de renovação, obviamente ainda muito forte e presente nas reflexões pastorais, assinala-se a necessidade de uma renovação contínua da catequese. “A catequese precisa de uma renovação contínua, mesmo com certo alargamento de seu próprio conceito, nos seus métodos, na busca de uma linguagem adaptada e no saber desfrutar os novos meios para a transmissão da mensagem” (CT, n. 17).

O Magistério da Igreja deixa transparecer que o processo de renovação marcado pelo Concílio Vaticano II será processo sempre sinônimo de avanço. E provavelmente, esta constatação, de fato, permite que a reflexão teológica e pastoral sobre a catequese continue encontrando a adequação da metodologia e da linguagem em função de uma catequese de inspiração catecumenal, como já assumida pela Igreja no Brasil. Estilo de catequese que poderá formar os verdadeiros discípulos.

A especificidade da catequese, distinta do primeiro anúncio do Evangelho que suscitou a conversão, visa o duplo objetivo de fazer amadurecer a fé inicial e de educar o verdadeiro discípulo de Cristo, mediante um conhecimento mais aprofundado e mais sistemático da Pessoa e da mensagem de Nosso Senhor Jesus Cristo (CT, n. 19).

A catequese, portanto, deverá desenvolver a inteligência do mistério de Cristo à luz da Palavra, a fim de que o homem todo seja por ela impregnado. Deste modo, transformado pela ação da graça em nova criatura, o cristão põe-se a seguir Cristo e, na Igreja, aprende cada vez melhor a pensar como ele, a julgar como ele, a agir em conformidade com os seus mandamentos e a esperar como ele nos exorta a esperar (CT, n. 20).

A catequese como aprofundamento do mistério cristão é “uma iniciação cristã integral, aberta a todas as outras formas componentes da vida cristã” (CT, n. 21). Outro aspecto que merece atenção é este.

A catequese autêntica é sempre iniciação ordenada e sistemática à revelação que Deus fez de si mesmo ao homem, em Jesus Cristo; relação esta conservada na memória profunda da Igreja e nas Sagradas Escrituras, e constantemente comunicada, por uma “traditio” (tradição) viva e ativa, de uma geração para outra. E tal revelação não está isolada da vida, nem justaposta a ela de maneira artificial. Mas diz respeito ao sentido último da existência, que ela esclarece totalmente, à luz do Evangelho (CT, n. 22).

Sendo assim, a consciência da renovação catequética, permite afirmar que “a catequese não consiste somente em ensinar a doutrina, mas também em iniciar toda a vida cristã, levando para tanto a participar plenamente nos Sacramentos” (CT, n. 33). A participação sacramental introduz no mistério de Deus e possibilita a comunhão entre o ser humano e Deus, através de Jesus Cristo.

2.5 O documento 26 da CNBB: implantação da catequese renovada no Brasil

“Catequese Renovada – Orientações e Conteúdo” é um documento aprovado pelo episcopado brasileiro, na 21ª Assembleia Geral da CNBB, em Itaiçara (1983) e dedicado, de modo especial, a todos os agentes da Igreja do Brasil.

Estas orientações catequéticas, inspiradas nos documentos da Igreja (Vaticano II, Medellín, Puebla, *Evangelii Nuntiandi* e *Catechesi Tradendae*), querem ser uma resposta aos apelos do Papa João Paulo II, na sua visita ao Brasil (1980), quando nos dizia: “A Catequese é uma urgência. Só posso admirar os pastores zelosos que em suas Igrejas procuram responder concretamente a essa urgência, fazendo da catequese uma prioridade” (Encontro com os Bispos em Fortaleza – 10/07/1980).

Percebendo as necessidades pastorais, obedecendo à voz do Papa e depois de ter pedido a colaboração e as sugestões dos agentes de Catequese de todos os níveis,

apresentamos agora este documento, enriquecido por três Assembleias Gerais da CNBB (1981, 82 e 83). Esperamos que ele venha ajudar a criar uma unidade de princípios, critérios e temas fundamentais para a Pastoral Catequética no Brasil. Colocamos estas diretrizes catequéticas nas mãos dos catequistas, a quem agradecemos toda a colaboração na educação da fé das nossas comunidades e a quem pedimos que, juntamente com seus pastores, continuem fazendo da Catequese uma prioridade das nossas Igrejas Particulares.

Nessa apresentação sucinta do documento 26, percebe-se claramente que a Igreja no Brasil pensou o *Catequese Renovada* segundo as orientações emanadas do Concílio Vaticano II e das Conferências Episcopais da América Latina e do Caribe. Acolhendo a perspectiva de renovação pastoral da ação evangelizadora da Igreja e, especificamente, da catequese, através deste documento, ela oferece orientações básicas para a reorganização da atividade catequética. Sem dúvida, *Catequese Renovada* foi e continua sendo um significativo instrumento que impulsiona a renovação constante da catequese no Brasil.

Como o texto tem como fundamento e segue as orientações dos documentos conciliares, do capítulo 8 do documento de Medellín (1968), do Diretório Catequético Geral (1971), e da *Catechesi Tradendae* (1977), serão elencados apenas o seu plano geral e situados alguns indicativos do processo catequético como iniciação cristã.

A primeira parte do *Catequese Renovada*, *A Catequese e a Comunidade na História da Igreja*, traz, objetivamente, algumas notas de história da catequese, das quais destaca-se: iniciação à fé e à vida de comunidade dos primeiros séculos, imersão na cristandade no período medieval, instrução da fé na época moderna, e a catequese como educação permanente para a comunhão e participação na comunidade de fé na contemporaneidade.

Na segunda parte, *Princípios para uma Catequese Renovada*, levando em consideração que a catequese tem o objetivo de fazer ecoar a Palavra, o primeiro tópico discorre sobre Revelação e Catequese, a partir da *Dei Verbum*. O segundo tópico, *Exigências da Catequese*, segue as orientações de *Catechesi Tradendae*, de forma predominante, do Diretório Catequético Geral, e também de Medellín e Puebla.

Já a terceira parte, *Temas Fundamentais para uma Catequese Renovada*, propõe os temas, orientando-se principalmente em Puebla, como fonte propulsora para o planejamento catequético. Por fim, a quarta parte, *A Comunidade Catequizadora*, salienta a importância da participação na vida comunitária para o processo de iniciação cristã, de amadurecimento na fé e de compromisso social.

Inspirando-se no catecumenato antigo, o documento *Catequese Renovada* cita o seguinte conceito de catequese:

É um processo dinâmico e abrangente da fé, um itinerário, e não apenas uma instrução. Na Igreja primitiva, já encontramos essa concepção de Catequese no catecumenato, onde o ensino da “Doutrina dos Apóstolos” está unido a uma vivência comunitária, à liturgia e a uma prolongada iniciação à vida cristã em diversas etapas (CR, n. 281).

Na conclusão do documento, os bispos reafirmam e sintetizam a concepção de catequese assumida para a realidade brasileira, que leva à interação entre fé e vida.

A Catequese é um processo de educação comunitária, permanente, progressiva, ordenada, orgânica e sistemática da Fé. Sua finalidade é a maturidade da Fé, num compromisso pessoal e comunitário de libertação integral, que deve acontecer já aqui e culminar na vida eterna feliz (CR, n. 318).

O documento *Catequese Renovada* representou um momento muito forte para a atualização do serviço catequético nas comunidades do Brasil. Encorajou o começo de um itinerário de superação da catequese doutrinal, estritamente pensada para a recepção dos sacramentos. Itinerário ainda não concluído, mas que continua avançando cada vez mais na reflexão catequética, que na contemporaneidade levou a Igreja a optar pela catequese de inspiração catecumenal.

Normalmente, toda mudança ou renovação perpassa resistência. Sempre há aquelas pessoas ou grupos que ficam presos aos valores do passado e não conseguem vislumbrar o horizonte novo. Essa experiência está presente em algumas comunidades diante da renovação catequética. Há ministros ordenados e catequistas que resistem à mudança na evangelização, e talvez, por insegurança, conservam a catequese puramente doutrinal.

Não obstante a renovação nascida no Concílio Vaticano II e das Conferências Gerais do Episcopal Latino-americano, os antigos modelos continuam; eles não foram suficientes para iniciar na vida cristã, pois focam sua atenção exclusivamente no doutrinal, no sacramental e no oral, de modo desarticulado, e limitam a catequese à idade infantil (CELAM, 2008, n. 38).

Alberich enumera outros desafios a uma catequese renovada. O surgimento de novas comunidades que desenvolvem um novo jeito de fazer catequese, que goza de vantagens, mas padece de problemas e tensões: “problemas de comunhão entre as novas comunidades e as paróquias e dioceses; problemas relacionados ao estatuto eclesiológico, nem sempre claro, das novas experiências comunitárias”¹⁸. A existência de grupos e movimentos que possuem uma tradição catequética própria, mas duvidosa em relação à sua autenticidade, devido ao surgimento de um líder carismático que é seguido quase cegamente, ou pela valorização unilateral do carisma do movimento¹⁹.

¹⁸ ALBERICH, 2013, p. 265.

¹⁹ ALBERICH, 2013, p. 265.

Mesmo sofrendo resistências, a renovação catequética encontrou amplo espaço de reflexão, acolhida e divulgação. Muitos catequistas, ao menos no plano teórico, conhecem a renovação catequética, embora muitos não desenvolvam os encontros catequéticos de acordo com as suas orientações por causa de várias circunstâncias, tais como falta de uma formação pedagógica, de conhecimento profundo sobre o processo de iniciação cristã, de apoio da comunidade; a grande rotatividade dos catequistas; de catequistas iniciantes sem formação; das exigências puramente sacramentais por parte de alguns contextos eclesiais.

No entanto, a renovação sugerida pelo Concílio Vaticano II continua direcionando a reflexão teológica e pastoral sobre a atividade catequética e amplia cada vez mais o sentido de uma iniciação cristã integrada na comunidade que se inspira no catecumenato antigo. O próximo capítulo será dedicado à catequese de inspiração catecumenal, a opção catequética da Igreja no mundo atual.

3 PERSPECTIVAS PARA A CATEQUESE CONTEMPORÂNEA

Na reflexão pastoral sobre a catequese no mundo atual, não há dúvida de que a Igreja tem acompanhado o desenvolvimento da sociedade, mas sempre mantendo seu olhar nos valores do Evangelho e da Tradição, e permanecendo fiel à finalidade da renovação pastoral do Concílio Vaticano II. O Diretório para a Catequese, publicado em 2020, é uma iniciativa que sinaliza com clareza a fidelidade da Igreja ao Evangelho e ao ser humano contemporâneo. Porém, o grande desafio encontra-se nas bases, no fazer catequético. Nem sempre os catequistas – ministros ordenados, religiosos e religiosas, leigos e leigas – conseguem desenvolver com eficácia um processo catequético que desperte o interlocutor para o verdadeiro discipulado. Infelizmente, constata-se, por exemplo, que a proposta da catequese renovada, condensada no documento 26 da CNBB, há quarenta anos, ainda não foi implantada em muitas comunidades eclesiais.

Todavia, dentro do contexto pela busca constante da renovação do ato catequético, uma catequese de inspiração catecumenal despontou na Igreja e adquiriu caráter de urgência. Pode-se afirmar que hoje a tarefa principal dos catequistas é implantar e efetivar a catequese de estilo catecumenal, oficializada pelos documentos mais recentes da Igreja. Porém, essa empreitada não é só dos catequistas, é de toda a comunidade eclesial, como se encontra explicitada nos mesmos documentos. O desafio continua o mesmo: que esta proposta atualizada da catequese renovada, a catequese de inspiração catecumenal, chegue a todas as comunidades.

Mediante essa renovação constante, a concepção de catequese também vai passando por atualizações de acordo com as novas reflexões teológicas e pastorais. O Diretório¹ apresenta o seguinte conceito, ampliado, de catequese:

A catequese é um ato de natureza eclesial, que nasce do mandado missionário do Senhor e que está orientada, como seu nome indica, a fazer ressoar continuamente o anúncio de sua Páscoa no coração de cada pessoa, para que sua vida seja transformada. Uma realidade dinâmica e complexa a serviço da Palavra de Deus, a catequese acompanha, educa e forma *na fé e para a fé*, introduz à celebração do Mistério, ilumina e interpreta a vida e as histórias humanas (DC, n. 55).

Essa abrangente e ampla compreensão engloba dois aspectos da catequese, que se tornaram imprescindíveis para a formação dos discípulos missionários na contemporaneidade e que estão imbricados: o querigmático e o mistagógico. A dimensão querigmática “está presente no coração da fé e reúne o essencial da mensagem cristã, é uma catequese que

¹ Deste ponto em diante ao citar o termo Diretório, a pesquisadora se refere ao Diretório para a Catequese publicado em 2020 pelo Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização.

manifesta a ação do Espírito Santo, que comunica o amor salvífico de Deus em Jesus Cristo e que continua a se doar pela plenitude da vida de cada pessoa” (DC, n. 2). A dimensão mistagógica “insere o fiel na experiência viva da comunidade cristã, verdadeiro lugar da vida de fé” (DC, n. 2). Além disso, a catequese querigmática e mistagógica é uma catequese essencialmente missionária, por ser uma dimensão integrante da ação evangelizadora da Igreja. No próprio Diretório está exposto o critério para a sua elaboração, tendo cuidado da necessidade de uma renovação permanente da catequese e conforme a urgência de adaptação da evangelização para o contexto atual.

O critério que norteou a redação deste *Diretório para a Catequese* encontra-se na vontade de aprofundar o papel da catequese na dinâmica da evangelização. A renovação teológica da primeira metade do século passado trouxe à tona a necessidade de uma compreensão missionária da catequese. O Concílio Ecumênico Vaticano II e o sucessivo Magistério coletaram e reuniram o elo essencial entre evangelização e catequese, adaptando-o de tempos em tempos às exigências históricas (DC, n. 3).

Ainda, segundo o Diretório, a evangelização “é um processo eclesial, inspirado e sustentado pelo Espírito Santo, por meio do qual o Evangelho é anunciado e se espalha pelo mundo” (DC, n. 31). As ações eclesiais que tem como meta a evangelização estão intimamente relacionadas à catequese iniciática, pois a Igreja

anuncia explicitamente o Evangelho por meio do *primeiro anúncio*, chamando à *conversão*; inicia à fé e à vida cristã, mediante o itinerário catecumenal, aqueles que se convertem a Jesus Cristo, ou aqueles que retomam o caminho de seu seguimento, incorporando uns e reconduzindo outros à comunidade cristã; mediante a educação permanente da fé, a celebração dos sacramentos e o exercício da caridade, alimenta nos fiéis o dom da *comunhão* e suscita a *missão*, enviando todos os discípulos de Cristo para anunciar o Evangelho no mundo, com obras e palavras (DC, n. 31).

A catequese compreendida no interior do processo de evangelização, assumida pela Igreja nos tempos atuais, norteará a reflexão dos tópicos, a seguir, na perspectiva da iniciação à vida cristã. A catequese missionária será sempre uma catequese de inspiração catecumenal. Serão abordados, neste capítulo, alguns aspectos entendidos como relevantes para o bom êxito da catequese: Palavra de Deus e Liturgia, fontes mistagógica e querigmática da catequese; a pedagogia catequética com ênfase na pedagogia divina; a dimensão comunitária envolvendo o todo da comunidade e cada membro em particular e a sinalização de algumas propostas para os encontros catequéticos.

3.1 A catequese de inspiração catecumenal

Em sintonia com o Magistério pós-conciliar sobre o anúncio e a transmissão da fé, a Comissão Episcopal para Animação Bíblico-Catequética da Conferência Nacional dos Bispos

do Brasil (CNBB) incentiva e oferece orientações para a implantação de uma catequese de inspiração catecumenal. Nesse caso, esta Comissão publicou em 2014 o texto *Itinerário Catequético: Iniciação à vida cristã – um processo de inspiração catecumenal*. Esse subsídio é anterior à publicação do Documento 107 da CNBB, *Iniciação à vida cristã: itinerário para formar discípulos missionários*, em 2017. Por isso, apesar da grande relevância de um documento das conferências episcopais, fez-se a opção por referenciar apenas o subsídio por seu caráter mais prático e por preceder o documento 107.

Afinal, o que é a inspiração catecumenal? É a busca de inspiração para a catequese atual no processo de iniciação cristã da Igreja Antiga, uma experiência que, de fato, introduzia o catecúmeno na comunidade e no mistério, possibilitando-lhe tornar-se um verdadeiro cristão comprometido com a fé e com a sua comunidade; na linguagem atual, um verdadeiro discípulo missionário. “A inspiração catecumenal é o eixo orientador do processo de IVC² e nesse processo a catequese se alicerça nas dimensões querigmática e mistagógica, o que abre um caminho possibilitador de mudanças que gerem frutos”³. O Diretório é pródigo nessa colocação.

A inspiração catecumenal da catequese não significa reproduzir ao pé da letra o catecumenato, mas assumir seu estilo e dinamismo formativo, respondendo também à “necessidade de uma renovação mistagógica, que poderia assumir formas muito diferentes de acordo com o discernimento de cada comunidade educativa” (EG, n. 116). O catecumenato tem uma intrínseca perspectiva missionária, que, com o passar do tempo, foi se enfraquecendo na catequese. Repropõe-se os principais elementos do catecumenato, que, após o necessário discernimento, devem hoje ser incluídos, valorizados e atualizados com coragem e criatividade, em um esforço de verdadeira enculturação (DC, n. 64).

Os elementos mencionados na citação acima versam sobre as seguintes dimensões: pascal; iniciática; litúrgica, ritual e simbólica; comunitária; de conversão permanente e de testemunho; de progressividade da experiência formativa (DC, n. 64). Desse modo, “a ‘inspiração catecumenal’ como eixo orientador do processo de iniciação pode renovar o agir catequético numa dinâmica querigmática e mistagógica, centrando-se na Escritura e na liturgia, nos sacramentos”⁴. Paranhos⁵ tem este posicionamento a respeito.

O caminho de fé não é só abertura da inteligência a Cristo, mas também ingresso progressivo no mistério da salvação. O termo mistagogia está sempre em estreita relação com *mysterion*, *mystikós*, *mystes* e, para além do sentido geral de iniciação ao mistério, pode indicar o cumprimento de uma ação sagrada (especialmente os sacramentos da iniciação), ou mesmo, a explicação oral ou escrita do mistério escondido na Escritura e celebrado na liturgia.

² IVC – Iniciação à Vida Cristã.

³ CRUZ, E. F. A unidade dos sacramentos de iniciação cristã: caminho para uma catequese mistagógica hoje. *Revista de Educación Religiosa*, Santiago, Chile, v. 2, n. 7, 2023, p. 13. Disponível em: <https://revistas.uff.cl/index.php/rer/article/view/310/387>. Acesso em: 15 dez. 2023.

⁴ CRUZ, 2023, p. 17.

⁵ 2018, p. 233.

A catequese iniciática está a serviço da profissão de fé, ou seja, daqueles que conheceram Jesus e desejam aprofundar o conhecimento sobre ele (DC, n. 34). Ao citar a *Evangelii Gaudium*, o Diretório expressa que a catequese querigmática “é um ‘aprofundamento do *querigma* que se vai, cada vez mais e melhor, [fazendo-se] carne’ (EG, n. 165)” (DC, n. 57), pois “o anúncio não pode mais ser considerado simplesmente a primeira etapa da fé, prévia à catequese, mas sim a dimensão constitutiva de cada momento da catequese” (DC, n. 57).

Na catequese de estilo catecumenal, o anúncio da mensagem salvífica se sobrepõe à catequese doutrinal. Para celebrar os sacramentos da iniciação cristã, é necessária uma mudança existencial, uma verdadeira conversão, e não apenas o conhecimento da doutrina e a obediência às normas da Igreja. Por isso, a catequese perde seu caráter de curso para receber os sacramentos, e passa a ser concebida como processo de crescimento e amadurecimento na fé, em uma adesão consciente a Jesus Cristo.

Segundo a orientação do RICA – Ritual de Iniciação Cristã de Adultos - a iniciação deve se processar de forma gradual, como se o catecúmeno atravessasse uma porta ou subisse um degrau. Na primeira etapa, no caminho da conversão ao desejar se tornar cristão é recebido como catecúmeno pela Igreja. Este período marca o rito da instituição dos catecúmenos. Na segunda, tendo sido introduzido na fé, recebe uma preparação intensiva para os sacramentos, sendo esta etapa marcada pela eleição. Concluída a preparação, a recepção dos sacramentos constitui a terceira etapa, e conseqüentemente, é assinalada pela celebração dos mesmos (RICA, n. 5-6).

São, portanto, quatro tempos sucessivos: o do “pré-catecumenato”, caracterizado pela primeira evangelização; o do “catecumenato”, destinado à catequese completa; o da “purificação e iluminação”, destinado a mais intensa preparação espiritual; e o da “mistagogia”, assinalado pela nova experiência dos sacramentos e da comunidade (RICA, n. 7).

O RICA (n. 8) também afirma que “a iniciação cristã é a primeira participação sacramental na morte e ressurreição de Jesus”. A unidade dos sacramentos da iniciação cristã – batismo, crisma, eucaristia – exprime “a unidade trinitária salvífica, pois são três ações sacramentais que remetem diretamente à história da salvação: a filiação, a unção, a comunhão. Jesus era o Filho ungido que vivia na comunhão com o Pai no Espírito”⁶.

O Papa Francisco, em sua carta apostólica *Desiderio Desideravi*⁷, menciona a celebração do batismo como o primeiro encontro da pessoa com o Cristo Ressuscitado. Este encontro é uma celebração sacramental e não um gesto mágico. É um encontro que transforma

⁶ CRUZ, 2023, p. 18.

⁷ FRANCISCO. *Desiderio Desideravi*: sobre a formação litúrgica do Povo de Deus. São Paulo: Paulinas, 2022.

a vida da pessoa pela ação divina, que a insere na intimidade divina, que a faz experimentar a alegria de ser redimida.

O primeiro encontro nosso com a sua Páscoa é o acontecimento que assinala a vida de todos nós que cremos em Cristo: nosso Batismo. Não se trata de uma adesão mental ao seu pensamento ou de uma submissão a um código de conduta imposto por ele. É na verdade, a imersão em sua Paixão, Morte, Ressurreição e Ascensão. Não é um gesto mágico: a magia é o oposto da lógica dos sacramentos, porque ela pretende ter poder sobre Deus e, por isso, vem do Tentador (DD, n. 12).

No documento final da III Semana Latino-Americana de Catequese, “A caminho de um novo paradigma para a catequese”, o CELAM constata o grande desafio do costume da sacramentalização enraizado nas comunidades, o que dificulta a passagem de uma catequese para uma simples iniciação sacramental, para uma catequese de iniciação à vida cristã. Pode-se acrescentar a este, outras adversidades como a recepção do sacramento por superstição ou para manter a tradição católica da família, batizar-se para não morrer pagão.

Não é fácil para nenhum pastor vislumbrar a maneira de empreender caminhos pastorais que facilitem erradicar o costume de nossos povos de procurar os sacramentos, desligados da vivência do Evangelho que dê sentido às suas vidas e às suas responsabilidades cotidianas. Lutar abertamente contra esta mentalidade mágico-sacramental é um desafio histórico difícil de vencer (CELAM, 2008, n. 17).

Contudo, diante desta constatação, o CELAM apresenta um caminho para a superação destas motivações medíocres para recepção dos sacramentos, indicando a catequese de inspiração catecumenal. Muito mais que receber sacramentos, trata-se de celebrar os sacramentos numa perspectiva de ser introduzido no mistério de Deus pela própria ação divina na mediação da comunidade. Em sintonia com o Magistério da Igreja, o CELAM recorda o apelo provocado pelo Concílio Vaticano II.

Desde o Concílio Vaticano II, o Magistério atual tem nos convidado reiteradas vezes a retomarmos a inspiração catecumenal, adaptando este processo às diferentes idades, ambientes, realidades sociorreligiosas e culturais para responder aos desafios de um novo discipulado hoje (CELAM, 2008, n. 32).

O apelo de uma catequese de inspiração catecumenal é urgente para as comunidades eclesiais. Na sociedade pós-cristã, o testemunho dos discípulos missionários será a luz de esperança para os povos. Não basta o cristianismo ser reconhecido como a religião que surgiu após a páscoa de Jesus a partir da ruptura com o judaísmo.

Para transformar o mundo e tornar visível o Reino de Deus, é imprescindível que a pessoa assuma a fé cristã com todas as suas consequências, tornando-se verdadeira discípula missionária. Acolher os simpatizantes ao cristianismo é indicar-lhes o caminho do Evangelho e apresentar-lhes todas as alegrias e consequências de um verdadeiro seguimento a Jesus Cristo.

O mesmo pode ser afirmado em relação aos batizados não evangelizados que já receberam todos os sacramentos da iniciação cristã ou ainda não completaram a iniciação sacramental.

Por isso, todas as ações eclesiais devem ser imbuídas do caráter evangelizador, do qual a catequese faz parte. Toda obra da Igreja também deve ser catequética. O principal meio para alcançar este objetivo é o ministério da Palavra, como será tratado no tópico seguinte. É a Palavra escutada, meditada, interiorizada, que tocará o coração de cada pessoa e a impulsionará a viver em comunhão com Deus, com a comunidade e com toda a criação testemunhando o amor-caridade.

3.2 A catequese e a Palavra de Deus

A catequese, abarcada como uma das ações evangelizadoras e mais ainda com a compreensão contemporânea de inspiração catecumenal, é reconhecida como uma das formas de exercer o ministério da Palavra. Ao mesmo tempo em que ela está a serviço da Palavra, é nesta mesma Palavra que ela tem a sua fonte. No Diretório há a seguinte afirmação: “A catequese colhe sua mensagem da Palavra de Deus, que é a sua principal fonte” (DC, n. 91). Ainda traz em relação ao serviço da Palavra: “O *ministério da Palavra*, portanto, nasce da escuta e educa a arte da escuta, porque somente quem escuta pode também anunciar” (DC, n. 283). Entende-se que o ministério da Palavra só pode ser exercido se esta Palavra for escutada e se tornar um programa de vida de toda a comunidade cristã e de cada catequista em particular. Nesse sentido, a Comissão Episcopal Pastoral para a Animação Bíblico-Catequética⁸, no Itinerário Catequético, afirma:

A atividade catequética é ministério da Palavra, serviço à evangelização, comunicação da mensagem cristã e anúncio da Boa-Nova festiva de Cristo. É momento de iniciação à vida cristã e de educação desta mesma vida cristã iniciada, mediação eclesial que favorece o amadurecimento da fé nas pessoas através das comunidades eclesiais para o serviço ao mundo. Por isso, a catequese é ação da Igreja, expressão da realidade eclesial e momento essencial da sua missão, elemento fundamental para a renovação da Igreja.

O ministério da Palavra já era exercido na era apostólica. De acordo com Alberich, pode-se distinguir algumas formas típicas deste ministério nas primeiras comunidades: a evangelização que visava suscitar a conversão; a instrução que era o aprofundamento da mensagem; a profecia que ajudava a discernir a vontade de Deus na história; o testemunho que convencia; e a exortação que corrigia e infundia entusiasmo⁹. A catequese de inspiração

⁸ 2018, p. 38

⁹ ALBERICH, 2013, p. 91.

catecumenal pode levar em consideração essas dimensões do ministério da Palavra, pois elas permanecem atuais para os dias de hoje. “Dado que a palavra de Deus, antes de mais nada, é Alguém, a catequese, serviço da palavra, deve levar principalmente ao encontro com Cristo, antes e transmitir um sistema de verdade ou um conjunto de conhecimentos”¹⁰.

Assumir a Palavra como fonte da catequese é também compreender que Jesus Cristo é o centro de toda atividade catequética, pois o anúncio que perpassa todo o seu processo catequético é o querigma, como já referido anteriormente. Assim, “a Palavra de Deus, mediada pela catequese, ilumina a vida humana, confere seu sentido mais profundo e acompanha cada pessoa nos caminhos da beleza, da verdade e da bondade” (DC, n. 172). Portanto, a catequese de inspiração catecumenal deverá ser “mais bíblica e vivencial, iluminando a realidade do catequizando com a Palavra de Deus”¹¹.

Para Alberich¹²,

com o termo *katechein*, que constitui uma novidade no NT, ressalta-se a originalidade da catequese, que consiste no “fazer eco” a uma Palavra que está mais acima, indisponível, soberana. Literalmente significa “ressoar, fazer ressoar”, com o sentido de: instruir, ensinar oralmente, contar.

Inspirando-se na prática das primeiras comunidades cristãs, a catequese contemporânea é chamada a adotar, cada vez mais, a Sagrada Escritura como a sua principal fonte. Ela é um meio privilegiado para o encontro com a Palavra de Deus, a Palavra que desencadeia a conversão para uma vida nova em Cristo. Segundo Costa¹³, a Palavra de Deus é além disso uma fonte mistagógica. Ao escutar Deus que “fala” ao ser humano como a um amigo, a pessoa vai adentrando no grande mistério salvífico através de seu encontro pessoal com ele, mas em comunidade. “O encontro com a Palavra de Deus gera novos discípulos missionários de Jesus Cristo em *comunidades eclesiais missionárias* com espírito de pertencimento, adesão e acolhida à Palavra que requer esforço para compreender e testemunhar a mensagem”¹⁴.

Por fim, a seguinte asserção de Alberich¹⁵ pode sintetizar o que se deseja ao final do processo catequético: que o catecúmeno ou catequizando tenha conseguido encontrar na Palavra o sentido para toda a sua vida, e ter consciência de que este sentido culmina com o

¹⁰ ALBERICH, 2013, p. 110.

¹¹ CEABC-CNBB, 2018, p. 43

¹² 2013, p. 92.

¹³ COSTA, R. F. A mistagogia das ações litúrgicas em Cirilo de Jerusalém. *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 52, jan./abr.2016, p. 62. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/26611/26611.PDF>. Acesso em: 9 dez. 2023.

¹⁴ BARBOZA M. A.; GIRL, P. C. Reflexões sobre a Metodologia Catequética: um caminho de aproximação, escuta e presença. *Revista Teopraxis*, Passo Fundo, v. 39, n. 133, p. 19-29, jul./dez./2022. Disponível em: <https://itepa.com.br/ojs/index.php/teopraxis/article/view/85/191>. Acesso: 09 dez. 2023.

¹⁵ 2013, p. 122.

estabelecimento definitivo do Reino de Deus no fim dos tempos. A revelação veio pelo próprio Deus através do Verbo Encarnado.

Na revelação de Cristo, Palavra encarnada, revela-se finalmente o projeto ou “mistério” de Deus, no sentido de que é revelação definitiva, segura, insuperável. Por isso, o cristão sabe possuir não uma palavra de salvação, mas a palavra suprema, a chave definitiva de interpretação da realidade e a certeza absoluta da realização das promessas. É a solidez de uma mensagem que nunca será negada. Na vida histórica de Jesus de Nazaré aconteceu algo de definitivo para o destino da humanidade: Deus se comprometeu definitivamente com o ser humano, e nisto encontra fundamento a esperança do cristão.

A catequese de inspiração catecumenal reconhece na Palavra de Deus uma de suas fontes essenciais. Ao ser acolhida, a Palavra possibilita ao catecúmeno ou catequizando trilhar um caminho de conversão e adesão sincera ao projeto salvífico de Deus, que foi revelado em Jesus Cristo.

3.3 A catequese e a liturgia

No tópico anterior, a Palavra de Deus foi apresentada como uma das fontes da catequese. A liturgia também é uma fonte. Ambas são essenciais e indispensáveis à catequese. Ter sempre presente essas fontes na catequese é o que permite que ela seja, de fato, de inspiração catecumenal. O processo de iniciação cristã da Igreja Antiga era centrado no anúncio e aprofundamento da Palavra e marcado pelas celebrações e ritos, como evidenciado no primeiro capítulo. “Em virtude do famoso princípio *lex credendi, lex orandi*, a liturgia contém em forma expressiva e unitária, a globalidade da mensagem cristã e é considerada como fonte da catequese”¹⁶. Assim sendo, a catequese está estreitamente unida à liturgia. O Diretório deixa explícito essa relação.

A liturgia é uma das fontes essenciais e indispensáveis da catequese da Igreja, não só porque a partir da liturgia a catequese pode colher conteúdos, linguagens, gestos e palavras da fé, mas sobretudo porque elas pertencem reciprocamente uma à outra no próprio ato de crer. A liturgia e a catequese, compreendidas à luz da Tradição da Igreja, embora cada uma tenha sua especificidade, não devem ser justapostas, mas devem ser compreendidas no contexto da vida cristã e eclesial e ambas são orientadas a viver a experiência do amor de Deus (DC, n. 95).

A liturgia não é apenas fonte da catequese. Ela mesma educa na fé. “A liturgia é catequese em ato que acontece por ser profissão de fé, comunicação de graça, já que realiza o que significa”¹⁷. O Papa Francisco diz que a liturgia

¹⁶ ALBERICH, 2013, p. 315.

¹⁷ PANAZZOLO, J. *Caminho de iniciação à vida cristã: elementos fundamentais*. São Paulo: Paulus, 2011, p. 73.

nos leva pela mão, juntos, como assembleia, para nos conduzir ao mistério que a Palavra e os sinais sacramentais nos revelam. Faz isso em coerência com o agir de Deus, seguindo o caminho da Encarnação, pela linguagem simbólica do corpo, que se estende às coisas, ao espaço e ao tempo (DD, n. 19).

A reflexão sobre a unidade entre catequese e liturgia remete à dimensão mistagógica, pois “a catequese está orientada para a celebração litúrgica. São necessárias tanto uma catequese que prepara para os sacramentos quanto uma catequese mistagógica que favoreça uma compreensão e uma experiência mais profunda da liturgia” (DC, n. 74b). Está em evidência que não basta apenas uma catequese que prepare a iniciação sacramental, mas que vá além, que ajude o catequizando e o catecúmeno a serem inseridos no mistério de Deus através das celebrações sacramentais.

Uma vez iniciada na vida cristã pela participação nos sacramentos, a pessoa não encerrou seu processo formativo de crescimento e amadurecimento na fé, mas ela permanece numa dinâmica de ser introduzida sempre mais no mistério salvífico. O Papa Francisco enfatiza a importância da formação permanente oferecida no transcorrer do ano litúrgico. Espera-se que a catequese consiga educar todos, através da experiência mistagógica.

Entendemos que o ano litúrgico é para nós a possibilidade de crescer na consciência do Mistério de Cristo, mergulhando a nossa vida no Mistério da sua Páscoa, à espera do seu retorno. Essa é a verdadeira formação permanente. Nossa vida não é uma sucessão aleatória e caótica de acontecimentos, mas um caminho que, de Páscoa a Páscoa, nos conforma a ele, “enquanto, vivendo a esperança, aguardamos a vinda do Cristo Salvador” (DD, n. 6).

O Diretório expõe com clareza a função da catequese de orientar e educar para a liturgia, que, por sua vez, também tem função formativa, como salientado por Francisco.

A catequese também educa as atitudes que as celebrações da Igreja exigem: a alegria pelo caráter festivo das celebrações, o sentido comunitário, a escuta atenta da Palavra de Deus, a oração confiante, o louvor e a ação de graças e a sensibilidade aos símbolos e sinais. Por meio da participação consciente e ativa nas celebrações litúrgicas, a catequese educa à compreensão do ano litúrgico, verdadeiro mestre da fé, e do significado do Domingo, dia do Senhor e da comunidade cristã. A catequese também ajuda a valorizar as expressões de fé da piedade popular (DC, n. 82).

O liturgista Paranhos¹⁸ sublinha a relação educativa intrínseca entre catequese e liturgia.

A relação liturgia-catequese exige que se eduque o dom da fé recebido na evangelização. A participação na celebração litúrgica supõe o dom da fé. A reflexão confronta as características das duas mediações em diálogo: a liturgia como “cume e fonte” da vida de fé; a catequese como crescimento na vida de fé (implica também a iniciação à celebração litúrgica).

¹⁸ PARANHOS, W. S. Catequese e Liturgia. In: RIVAS; E. GODOY M. (Orgs). *Memória e caminho: liturgia e vida cristã*. Homenagem a Francisco Taborda, sj, em seu 80º aniversário. São Paulo: Loyola, 2018, p. 239.

O catequeta Alberich, oferece contribuições relevantes que ajudam a perceber minuciosamente a relação educativa intrínseca entre liturgia e catequese. A sua exposição é a seguinte sobre a dimensão educativa da liturgia.

A virtude catequética da liturgia se manifesta sobretudo:

- na liturgia da palavra, momento privilegiado do diálogo entre Deus e seu povo, de expressão de atitudes de fé: louvor, escuta, agradecimento, profissão. E aqui se reveste de importância especial a leitura que a liturgia faz da Escritura através do lecionário;
- nos momentos de pregação ou homilia, realização da palavra de Deus;
- nas orações principais dos ritos sacramentais que, sob a forma de memorial e de invocação (anamnese e epiclese), oferecem sínteses densas e admiráveis de grande valor catequético;
- no quadro sacramental da iniciação, conjunto articulado de etapas e ritos para o itinerário de fé dos cristãos;
- nos itinerários e ritmos de conversão e de aprofundamento (ano litúrgico, tempos fortes, festas e comemorações etc.) que constelam o caminho dos indivíduos e das comunidades¹⁹.

De forma sucinta, Paranhos²⁰ afirma que “a liturgia é celebração de um evento salvífico e, portanto, ela é: por seu conteúdo, Palavra de Deus; por sua forma, fala a Deus”. Então, qual é a função educativa da catequese em relação à liturgia? Alberich²¹ discorre sobre ela a partir de três planos: da celebração, do mistério e da existência.

- No plano da celebração: uma vez que a liturgia é ação simbólica, a catequese deve ser iniciação aos seus diversos ritos e formas de expressão.
- No plano do mistério: sendo a liturgia ação significativa e rememorativa de acontecimentos salvífico, a catequese deve favorecer e ilustrar as experiências bíblicas e eclesiais significadas pelos ritos.
- No plano da existência: enquanto a liturgia é celebração e vida no espírito e de existência salva no mundo, a catequese deve educar para as convicções e atitudes que servem de base a essa vida: acolhimento, agradecimento, escuta, compromisso, comunhão, responsabilidade.

Conclui-se que na atualidade, diante do perfil esperado para o discípulo missionário e das exigências da evangelização em um contexto plural e pós-cristão, é urgente que se supere o ato catequético desvinculado da liturgia. É imperativo que a comunidade cristã cresça na consciência litúrgica e que, ao elucidar a sua experiência mistagógica, seja a mãe que educa os filhos iniciando-os no mistério salvífico de Deus, através dos ritos litúrgicos bem celebrados. Quanto àqueles que forem incumbidos de orientar a iniciação litúrgica através do ministério catequético, que recebam o apoio e a oportunidade para a devida formação por parte de seus pastores e de sua comunidade eclesial.

¹⁹ ALBERICH, 2013, p. 316.

²⁰ 2018, p. 227.

²¹ 2013, p. 318.

3.4 A catequese e a pedagogia divina

Após a elucidação da Palavra de Deus e da Liturgia como fontes indispensáveis da catequese, é preciso também pensar em como direcionar o processo educativo baseado em um fundamento coerente e pertinente com a proposta de uma catequese de inspiração catecumenal. Por isso, nesta dissertação a ênfase será pautada na pedagogia divina. Isso não quer significar menosprezo pelas ciências humanas, que foram valorizadas e assumidas pelo movimento catequético e levadas a sério pela renovação pastoral a partir do Concílio Vaticano II.

Deus se revelou ao ser humano de forma gradual, misericordiosa e amorosa em um longo processo até a revelação plena em Jesus Cristo. Aos poucos, ele foi se dando a conhecer, comunicando a sua vida divina ao ser humano, o qual se sentindo atraído por ele foi sendo introduzido em seu mistério, a ponto *de com e em* Jesus viver uma relação profunda de amizade. “O caminho de Deus que se revela e salva, unido à resposta de fé da Igreja na história, torna-se fonte e modelo da pedagogia da fé” (DC, n. 166). Esse processo que respeita as vicissitudes humanas, ensina à Igreja que a pedagogia catequética deve priorizar os processos do desenvolvimento humano e das condições de cada pessoa. É, sobretudo, uma pedagogia mistagógica. É um caminhar juntos a passos pequenos, sem pressa, até o catecúmeno ou catequizando sentir, viver e acolher sem medo e com decisão firme o amor salvífico de Deus, ao mergulhar profundo no mistério pascal.

A pedagogia catequética possui a dimensão mistagógica, pois a tarefa da catequese iniciática é introduzir no mistério de Deus, o que já foi ratificado anteriormente neste trabalho. Segundo Costa²², a mistagogia “é pedagogia porque é mediação entre a ação divina e a realidade pessoal, histórica e social. A mistagogia se dá a partir do diálogo que Deus vai tecendo amorosamente com cada pessoa e com cada comunidade e que se torna como que um eco dessa autocomunicação divina”. Com isso, a própria iniciação cristã exige um tempo maior de catequese. A Igreja Latino-Americana chama a atenção para a necessidade de um tempo suficiente, para que o catecúmeno ou catequizando seja realmente introduzido no mistério divino e na comunidade cristã.

Na pedagogia catequética entendemos por Iniciação Cristã o processo prolongado no tempo, no qual o convertido recebe a instrução evangélica e se exercita para adequar sua vida ao estilo do Evangelho em fidelidade à iniciativa divina. Neste processo ele

²² COSTA, R. F. O caminho da mistagogia: uma mística para os nossos tempos. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 10, n. 27, jul./set. 2012, p. 835. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2012v10n27p831/4289>. Acesso em: 11 dez. 2023.

se introduz na vida nova do Senhor Ressuscitado pelo batismo, pela confirmação e pela eucaristia na comunidade eclesial e também no mundo (CELAM, 2008, n. 26).

É necessário que a pedagogia a ser adotada na catequese de inspiração catecumenal seja a mistagógica, porque “a experiência mistagógica nos remete à eterna novidade da dinâmica da Revelação. Mas vai além. A experiência mistagógica fundamenta-se na pedagogia divina que revela Seu projeto de amor com atenção, zelo e respeito pela condição presente de cada pessoa humana”²³. Ainda, nas palavras de Alberich²⁴, “essa pedagogia divina tem alguns traços característicos: a encarnação, o caráter progressivo, a adequação às pessoas, a centralidade em Cristo, o primado da relação interpessoal, a pedagogia dos sinais”. O Diretório faz essa indicação.

Para alcançar seu propósito, a catequese realiza algumas atividades, interconectadas, que se inspiram no modo como Jesus formou seus discípulos: dava a *conhecer* os mistérios do Reino, ensinava a *rezar*, propunha as *atitudes evangélicas*, iniciava-os à vida de *comunhão* com Ele e entre si e à *missão*. Essa pedagogia de Jesus então moldou a vida da comunidade cristã: “Eles eram perseverantes no ensinamento dos apóstolos, na comunhão fraterna, na fração do pão e nas orações” (At 2, 42). A fé, de fato, exige ser conhecida, celebrada, vivida e rezada. Para formar a uma vida cristã integral, a catequese leva a cabo, portanto, as seguintes atividades: conduz à consciência da fé; inicia à celebração do Mistério; forma à vida em Cristo; ensina a rezar e introduz à vida comunitária (DC, n. 79).

O CELAM aponta que a catequese dos tempos atuais deve aderir a modelos pedagógicos que reconheçam

a Palavra de Deus, lida em comunidade, como princípio fundante de toda catequese; leitura contínua dos sinais de Deus na história; propor a catequese de caráter missionário; a opção clara a favor de processos de iniciação para quem o necessite; dar atenção à catequese de adultos como modelo de toda a catequese; o emprego de linguagens que nossa geração entenda; a prioridade do anúncio do querigma que convida à conversão (Mc 1, 15); a celebração alegre da fé, unida ao testemunho; e a profética opção preferencial pelos pobres (CELAM, 2008, n. 39).

A pedagogia divina é o ponto de partida para a pedagogia catequética que é, por excelência mistagógica, mas essa deve contar sempre com a contribuição das ciências humanas, que possibilitam uma compreensão mais profunda do processo de desenvolvimento humano em suas várias dimensões: cognitiva, emocional, social, biológica, espiritual. Afinal, a mensagem divina é comunicada aos seres humanos em uma realidade concreta e situada em determinado contexto.

A metodologia catequética, sempre aberta para valorizar e adequar diferentes métodos na ação educativa da catequese propõe diferentes caminhos para apresentar e aprofundar o conteúdo e mensagens adequadas a cada idade e realidade dos catequizandos. A Palavra de Deus é sempre a mesma, mas os diversos serviços e fases da catequese geraram diferentes itinerários metodológicos²⁵.

²³ COSTA, 2012, p. 845.

²⁴ 2013, p. 331.

²⁵ BARBOZA; GIRL, 2022, p. 23.

Enfim, “a pedagogia da fé nunca poderá ignorar a exigência da Palavra de Deus e da resposta da fé, inspirando-se, por isso, na ‘pedagogia de Deus’ (DGC, n. 139-147), mas isso não fere de modo algum a natureza perfeitamente pedagógica da tarefa catequética”.²⁶ Para a catequese de inspiração catecumenal,

o método é sempre processual, pois, além de estabelecer metas e objetivos, considerando a realidade dos interlocutores, as ciências pedagógicas e a psicologia das idades, possibilitam um caminho interativo de amadurecimento na fé: na experiência do encontro com Jesus Cristo e no crescimento de pertença comunitária e do compromisso social²⁷.

A pedagogia mistagógica é a pedagogia coerente e pertinente para a realização dos encontros catequéticos a partir da inspiração catecumenal. Só assim haverá o mínimo de garantia de que a catequese iniciática alcançará a sua meta de formar discípulos missionários.

3.5 A catequese e a pastoral de conjunto

Já se encontra explícito nesta pesquisa que toda a comunidade eclesial é responsável pela iniciação cristã e é no seio desta comunidade que se desenvolve a catequese de inspiração catecumenal. Mas para que todo o processo iniciático seja efetivo e eficaz, é necessário que cada pastoral, movimento ou associação e cada fiel conheça o processo catequético e saiba qual a sua função em relação ao catecúmeno ou catequizando. Para tanto, é essencial a organização pastoral nas dioceses, nas paróquias e em suas comunidades, tendo em vista a pastoral de conjunto ou orgânica.

O Papa Francisco explica a base principal para a sua articulação. “A pastoral em conjunto, orgânica e integrada, mais do que resultado de programas elaborados, é a consequência do colocar no centro da vida da comunidade a Celebração Eucarística dominical, fundamento da comunhão” (DD, n. 37). A partir desta orientação, pode-se apreender que toda atividade pastoral deve ter diante de si a perspectiva mistagógica.

A Igreja Latino-Americana, através da III Semana Latino-Americana de Catequese, já havia norteado que

a iniciação na vida cristã compete à comunidade eclesial. A comunidade eclesial se concretiza na diocese e suas paróquias, suas comunidades, CEB's, grupos, associações, movimentos, suas famílias e comunidades de consagradas e consagrados. A missão da Igreja Particular é fazer presente o Reino de Deus; ela realiza sua missão mediante as diversas tarefas eclesiais em uma pastoral orgânica e integradora; a

²⁶ ALBERICH, 2013, p. 178.

²⁷ BARBOZA; GIRL, 2022, p. 20.

comunidade eclesial é o espaço privilegiado para a Iniciação Cristã; portanto a comunidade é fonte, lugar e meta da educação da fé (CELAM, 2008, n. 50).

A partir do pontificado de Francisco, está crescendo a consciência da sinodalidade na Igreja. A prática sinodal facilitará a articulação de um projeto pastoral de conjunto, onde a iniciação cristã se torne responsabilidade de toda a comunidade, de cada pastoral e de cada fiel. É indiscutível que todos participem do planejamento catequético e da sua execução, dado que a catequese é uma atividade missionária no seio da Igreja.

Uma renovada consciência da identidade missionária exige hoje uma maior capacidade de compartilhar, comunicar e se encontrar, de modo que possamos caminhar juntos no caminho de Cristo e na docilidade ao Espírito. A instância sinodal propõe objetivos importantes para a evangelização: leva a discernir juntos os caminhos a serem percorridos; leva à ação em sinergia com os dons de todos; contrasta o isolamento das partes ou dos indivíduos (DC, n. 289).

3.5.1 A comunidade eclesial: lugar da iniciação cristã e da formação dos discípulos missionários

Ao longo deste trabalho já foi sinalizado que é no interior da comunidade eclesial que se realiza a iniciação cristã, e toda a comunidade é responsável por ela. O cristianismo se originou a partir das primeiras comunidades cristãs que se reuniam para a oração e a fração do pão vivendo como verdadeiros irmãos (At 2,42-47). O testemunho da vida em comunhão dos primeiros seguidores de Jesus atraiu muitas pessoas que iniciaram o processo de conversão e aderiram à boa-nova de Jesus Cristo. Na comunidade se formavam verdadeiros discípulos e pregadores da Evangelho. O estilo de vida das primeiras comunidades continua sendo inspiração para o compromisso comunitário eclesial hoje. Um olhar atento às características peculiares do cristianismo nascente lança para o horizonte atual de que é na comunidade que se realiza a iniciação cristã e a formação permanente dos discípulos missionários. O Diretório é contundente nessa explicação.

Toda comunidade cristã é responsável pelo ministério da catequese, marcada conforme a sua condição particular na Igreja: ministros ordenados, pessoas consagradas, fiéis leigos (...). O catequista pertence a uma comunidade cristã e dela é expressão. Seu serviço é vivido dentro de uma comunidade, que é o primeiro sujeito de acompanhamento na fé (DC, n. 111).

Normalmente, reconhece-se o leigo que se dedica à *educação na e para fé* como o catequista por excelência, mas na verdade é a comunidade, ou seja, todos os seus membros, a

responsável primeira pela catequese. O catequista é o porta-voz, ele exerce seu ministério em nome da comunidade pela qual foi enviado. O catequeta Alberich²⁸ afirma:

O primeiro catequista, o catequista por excelência, é a comunidade cristã, que deve ser considerada agente solidariamente responsável pela catequese. Está superada a mentalidade que considera a catequese como tarefa de alguns “encarregados dos trabalhos” ou “especialistas”; em vez disso, cumpre promover a consciência do envolvimento comunitário de todos na sua realização.

A comunidade eclesial é a mãe que gera os novos filhos e cuida dos que nasceram, acolhendo e iniciando os primeiros e formando permanentemente os outros. Assim, na comunidade, todos são interlocutores, o crescimento e amadurecimento na fé se realiza no caminhar, rezar, discernir e decidir juntos. Por isso, a Comissão Episcopal Pastoral para a Animação Bíblico-Catequética afirma que: “A iniciação à vida cristã tem a comunidade eclesial como seio materno no qual nasce e se fortalece. Nela, mediante o convívio com os discípulos de Jesus Cristo, toma-se contato, de modo efetivo, com a Boa-Nova colocada em prática”²⁹. Verdadeiras comunidades identificadas pelas dimensões do serviço, da comunhão, da escuta da Palavra e da liturgia cumprirão sua função no processo de catequese de inspiração catecumenal com mais solidez e condição de ajudar cada pessoa a vivenciar com intensidade o seu longo tempo de iniciação cristã. Nesse sentido, a comunidade é mistagoga. O CELAM frisa que

na comunidade eclesial acontece o processo catequético de Iniciação Cristã de adultos, jovens, adolescentes e crianças em idade própria. Esta preparação tem como meta a incorporação dessas pessoas como membros ativos do Corpo de Cristo, que é a Igreja. Esse processo de introdução na vida cristã se faz através de quatro dimensões: a formação do grupo comunitário em nome do Senhor e da Igreja (dimensão comunitária); o ensino em clima de fé (dimensão profética); a celebração do Mistério (dimensão litúrgica); e a vivência do evangelho (dimensão social) (CELAM, 2008, n. 51).

A comunidade comprometida com a iniciação cristã é uma comunidade missionária. Todos os seus membros têm consciência de que são chamados e enviados, pois fizeram verdadeira experiência de discipulado. Panazzolo³⁰ aponta que a missão tem uma meta específica e sua origem é na Trindade.

A missão origina-se na comunhão da Trindade, do Pai, do Filho e do Espírito Santo. A missão é para suscitar, formar e firmar comunidades de pessoas na fé, à imagem da Trindade, que creem na Ressurreição de Jesus e se reúnem para o louvor e para o compromisso de evangelização.

É na comunidade que as pessoas vivem a alegria da fé, continuando o processo de iniciação e o compromisso para a missão continuada e sem fronteiras. O compromisso missionário é condição essencial e permanente da comunidade-Igreja, pois o plano de Deus é levar toda a humanidade à plena comunhão divina.

²⁸ 2013, p. 219.

²⁹ CEABC-CNBB, 2018, p. 59.

³⁰ 2011, p. 82.

No decorrer da introdução ao Rito da Iniciação Cristã de Adultos (RICA), com muita frequência aparece a importância da comunidade eclesial no processo de iniciação cristã. O catecúmeno, ao ser acolhido na comunidade, recebe o testemunho de fé, aprende a rezar, trilha o caminho da conversão junto a seus membros, por isso a comunidade é o lugar fundamental para o itinerário iniciático (n. 4, 19, 37, 40, 41, 70). É importante ainda destacar esta contribuição do RICA (n. 4).

A iniciação dos catecúmenos processa-se gradativamente no seio da comunidade dos fiéis que, refletindo com os catecúmenos sobre a excelência do mistério pascal e renovando sua própria conversão, os induzem pelo seu exemplo a obedecer com maior generosidade aos apelos do Espírito Santo.

Se a catequese é ministério da Palavra e a comunidade é a primeira responsável pela iniciação cristã, pode-se dizer que a comunidade exerce um ministério e este é o serviço à Palavra, tendo como missão principal formar os discípulos missionários. De acordo com a CEABC-CNBB³¹, este ministério da comunidade abrange a interação fé e vida, que foi muito difundida a partir do Documento Catequese Renovada.

A comunidade é responsável por todo o processo de iniciação à vida cristã em diversos sentidos. Isto porque a Iniciação está sempre unida organicamente a uma comunidade de fé: com seus encontros fraternos, vida litúrgica de oração, celebração da Palavra de Deus e da Eucaristia, reuniões de decisão e encaminhamentos, grupos de espiritualidade e ação pastoral, iniciativas de solidariedade, entre outras ações. Ela é a referência concreta da Igreja de Jesus Cristo para os que fazem o caminho da fé.

Diante das orientações recentes da Igreja sobre a responsabilidade da comunidade no processo catequético, há uma certeza, pelos menos no plano teórico, para as comunidades que ainda não conseguiram implantar a catequese de inspiração catecumenal.

A catequese não é um ato meramente magisterial, mas também testemunho e caminho feito em comunidade. O modelo de catequese de sentido único, como simples transmissão de conteúdo do catequista aos catecúmenos está superado. O que na realidade se faz em toda a atividade catequética é pôr-se a caminho, todos juntos, pequenos e grandes, pastores e fiéis, num itinerário de amadurecimento da fé, que é também ajuda mútua³².

Alberich³³ assevera quanto à catequese no modelo escolar.

Está superada a concepção verticalista da catequese, concebida como relação entre alguém que ensina e que se encontra em posição elevada e o grupo de discípulos que recebe a instrução. Em um contexto comunitário não existem propriamente destinatários, mas participantes da catequese, todos sujeitos de experiência, ainda que com papéis diferenciados: “Na comunidade todos somos ao mesmo tempo catequistas e catequizandos, mestres e discípulos, agentes e destinatários da ação catequética, dado que somos todos servos da única palavra que nos edifica através da boca e do testemunho de todos” (México GP n. 71).

³¹ 2018, p. 59.

³² ALBERICH, 2013, p. 124.

³³ 2013, p. 275.

Portanto, para um eficaz projeto de iniciação cristã, é preciso que toda a comunidade seja formada e preparada para esta missão desenvolvendo a sua consciência de que a pastoral catequética não é a única responsável pela iniciação, mas todos os seus membros são responsáveis conforme a sua função no seio da comunidade eclesial. A fé cristã é uma adesão pessoal, mas é professada e vivida comunitariamente. Dessa maneira, a responsabilidade pelo amadurecimento na fé de cada fiel é uma responsabilidade mútua.

3.5.2 A formação dos agentes pastorais: ministros ordenados, religiosos e leigos

Ao identificar a comunidade cristã como a primeira responsável pela catequese de inspiração catecumenal, na qual cada fiel tem uma missão específica de acordo com o seu estado vocacional, este tópico se volta para a formação dos agentes pastorais. A formação dos ministros ordenados, dos religiosos e leigos tornou-se urgente e inadiável. Esse projeto catequético só colherá a totalidade de seus frutos quando todos da comunidade conhecerem o processo de iniciação cristã para batizados e não batizados, e assumirem a responsabilidade pessoal diante da comunidade. É fato que muitas comunidades já implantaram a catequese de iniciação cristã, mas também há muitas que ainda não.

De acordo com a ampliação da concepção de catequese, expandiu-se igualmente a descrição do perfil do catequista para a iniciação cristã. Perfil que se espera de todos os membros da comunidade. O Diretório o expõe da seguinte forma:

Em virtude da fé e da Unção batismal, na colaboração com o Magistério de Cristo e como servo da ação do Espírito Santo, o catequista é: mestre e mistagogo, que introduz no mistério de Deus, revelado na Páscoa de Cristo; enquanto ícone de Jesus Mestre, o catequista tem a dupla missão de transmitir o conteúdo da fé e de conduzir ao mistério da mesma fé. O catequista é chamado a se abrir à verdade sobre a pessoa humana e sobre a sua vocação última, comunicando o conhecimento de Cristo e, ao mesmo tempo, introduzindo às várias dimensões da vida cristã, revelando os mistérios da salvação contidos no depósito da fé e atualizados na liturgia da Igreja (DC, n. 113b).

O Papa Francisco em *Antiquum Ministerium* traça a identidade do catequista acrescentando outros aspectos e cita as fontes principais para a sua formação.

O Catequista é, ao mesmo tempo, testemunha da fé, mestre e mistagogo, acompanhador e pedagogo que instrui em nome da Igreja. Uma identidade que só mediante a oração, o estudo e a participação direta na vida da comunidade é que se pode desenvolver com coerência e responsabilidade (AM, n. 6).

A formação deverá ser pensada segundo esse perfil. Uma formação que se inspira no estilo catecumenal. A formação primeira e principal do catequista deve a sua própria iniciação no mistério divino e na comunidade. Se o catequista não foi adequadamente iniciado, como conduzirá o processo iniciático dos catecúmenos e catequizandos? Observa-se que o Diretório

exibe esse aspecto da iniciação como o objeto da formação, ao acentuar que os catequistas são verdadeiros discípulos missionários.

A formação tem por finalidade, antes de tudo, conscientizar os catequistas de que são, como batizados, verdadeiros *discípulos missionários*, ou seja, sujeitos ativos da evangelização e, com base nisso, habilitados pela Igreja a *comunicar* o Evangelho e *acompanhar e educar* na fé (DC, n. 132).

Além de indicar a finalidade, o Diretório também apresenta que “o lugar por excelência da formação do catequista é, portanto, a comunidade cristã, na variedade de seus carismas e ministérios, como ambiente ordinário no qual se aprende e se vive a fé” (DC, n. 133). O catequista é participante ativo e assíduo da comunidade que mantém relações de comunhão e fraternidade com seus irmãos de fé, com os quais se coloca em formação permanente e vive a experiência contínua de ser introduzido no mistério pascal. “A formação do catequista se realiza no contexto eclesial, pois o catequista é, antes de mais nada, membro da Igreja, testemunha da fé e enviado por ela para anunciar a mensagem evangelizadora” (CELAM, 2008, n. 69).

O Diretório ao tratar da formação do catequista a considera como um processo permanente, que sob a ação do Espírito Santo o transforma existencialmente e o configura a Jesus Cristo.

A formação é um processo permanente que, sob a guia do Espírito e no seio vivo da comunidade cristã, ajuda os batizados a *tomar forma*, ou seja, a revelar sua identidade mais profunda que é a de filhos de Deus em relação de profunda comunhão com os irmãos. O trabalho formativo age como *transformação* da pessoa, que interioriza existencialmente a mensagem do Evangelho, de modo que ele seja luz e direção para a sua vida e missão eclesial. Trata-se de um processo que, ocorrendo no interior do catequista, toca profundamente sua liberdade e não pode ser reduzido apenas à instrução, exortação moral ou atualização de técnicas pastorais. A formação, que também se vale de competências humanas, é primeiramente uma sábia obra de abertura ao Espírito de Deus que, graças à disponibilidade dos sujeitos e ao cuidado materno da comunidade, *conforma* o batizado a Jesus Cristo, plasmando em seus corações seu rosto de Filho (Gl 4, 19), enviado pelo Pai para anunciar aos pobres a mensagem da salvação (Lc,18) (DC, n. 131).

Ao instituir o *ministério do catequista* para o estado laical, o Papa Francisco define a identidade de quem poderá ser convidado e ainda acrescenta os aspectos da formação a ser oferecida pela comunidade.

Convém que, ao ministério instituído de Catequista, sejam chamados homens e mulheres de fé profunda e maturidade humana, que tenham uma participação ativa na vida da comunidade cristã, sejam capazes de acolhimento, generosidade e vida de comunhão fraterna, recebam a devida formação bíblica, teológica, pastoral e pedagógica, para ser solícitos comunicadores da verdade da fé, e tenham já uma madura experiência prévia de catequese (AM, n. 8).

Pode-se afirmar que os critérios formativos elencados tendo em vista o catequista, ministro leigo, se aplicam aos ministros ordenados e aos religiosos. Os ministros ordenados

desempenham um papel especial de presidência, orientação, coordenação e discernimento. É uma missão investida de autoridade, mas que não os deve isolar nem colocar acima da comunidade, porque inseridos nela, de forma vital, poderão cumpri-la com eficácia. Sua autoridade é sobretudo aquela que coordena, estimula e discerne o conjunto da ação catequética da comunidade, assegurando-lhe ao mesmo tempo a comunhão com toda a Igreja e garantindo-lhe a fidelidade na transmissão da fé³⁴.

De acordo com o Diretório Geral para a Catequese (DGC) e a *Evangelii Nuntiandi* (EN), o catequeta Alberich³⁵ cita que missão dos religiosos na catequese se exerce de acordo com o seu carisma próprio.

Também os religiosos têm um carisma próprio na Igreja e, portanto, também um papel particular no exercício da ação catequética e evangelizadora (DGC n. 228-229). Sua obra não é considerada essencialmente como ajuda na catequese indiferenciada, para suprir a falta de sacerdotes ou de leigos comprometidos. É antes de tudo com o seu estar na Igreja e no mundo (EN n. 69), enquanto discípulos e profetas, que devem cumprir a própria missão evangelizadora e encarnar na Igreja “enquanto desejosa de abandonar-se ao radicalismo da beatitude” (EN n. 69), testemunhando com a vida e a palavra o primado da transcendência e a dimensão escatológica da fé cristã. Por isso, sua contribuição se torna original e preciosa, e “não poderá ser substituída nem pelos sacerdotes nem pelos leigos” (DGC n. 228).

Portanto, convém que a formação dos catequistas, antes de tudo, seja uma formação de estilo catecumenal – mistagógica e querigmática – que aconteça no contexto da comunidade cristã. A formação em relação às ciências humanas oferecerá apoio e suporte para o aprimoramento das técnicas educativas que levam em conta a pessoa em sua singularidade, visto que a própria pedagogia divina respeita o processo da existência humana. Além disso, todos os agentes pastorais: ministros ordenados, religiosos e leigos são interpelados a permanecer em estado permanente de formação.

3.6 Proposta para os encontros catequéticos

Nesta pesquisa apareceu com insistência que, na contemporaneidade, a catequese está a serviço da iniciação cristã, que o ministro catequista exerce sua missão em comunhão com todos os membros da comunidade e nela ele alimenta e fortalece a sua vocação, instrui e age em nome da Igreja. O encontro catequético, tempo específico para a orientação do catecúmeno e do catequizando, deve ser bem preparado, tendo presente a pedagogia divina e a contribuição das ciências humanas para uma transmissão eficaz da mensagem do Evangelho.

Este tópico desenvolve algumas propostas para a realização deste ministério da Palavra de acordo com a realidade atual, a partir da renovação pastoral provocada pelo Concílio

³⁴ ALBERICH, 2013, p. 220.

³⁵ 2013, p. 223.

Vaticano II e, sobretudo, pela conversão pastoral incitada pelo Documento de Aparecida (n. 370). Estes fatores apresentaram a urgência de buscar um jeito novo de realizar os encontros catequéticos que, aliás, é uma retomada da pedagogia mistagógica da Igreja Antiga, superando o modelo escolar de catequese.

A Comissão Episcopal Pastoral para a Animação Bíblico-Catequética da CNBB³⁶ ofereceu à Igreja do Brasil importante orientação sobre a organização da catequese de inspiração catecumenal constituída de tempos e etapas distinguidas pelos ritos, celebrações e instrução.

1. No tempo do *pré-catecumenato*, o candidato à *Iniciação à Vida Cristã* será entendido como um *simpatizante* no qual o Espírito Santo já interveio, movendo-o à conversão. Ao mesmo tempo, este mesmo Espírito interpela a Igreja (essencialmente missionária) a apresentar-lhe o querigma, criando as condições históricas para a sua acolhida, reconhecimento, discernimento e acompanhamento.
2. No tempo do *catecumenato*, o *catecúmeno/catequizando* fará a experiência da natureza exclusiva da proposta cristã e, ao mesmo tempo, experimentará que a sua realidade pessoal e cultural está sendo acolhida, iluminada e purificada pelo Mistério Pascal de Cristo. Neste tempo, ele experimentará a tensão entre o *ser purificado* (dimensão exclusiva) e o *ser acolhido* (dimensão inclusiva) no paradoxo cristão da morte-ressurreição.
3. No tempo da *iluminação/purificação*, o *eleito*, na relação dinâmica entre palavra anunciada e gesto litúrgico, experimentará, dentro da Igreja local, a graça de ter sido escolhido, separado para morrer ao homem velho, para ser regenerado e revestido do homem novo (Ef 4,22-24; Cl 3,9-10). Mediante a vivência sacramental, ele receberá de maneira múltiplas e complementares o Espírito Santo, primeiro e grande dom da Páscoa.
4. No tempo da *mistagogia*, o *neófito*, consciente de ser um *recém-nascido*, começa a experimentar em Cristo e na Igreja o cumprimento integral do seu discipulado missionário. Como membro do Povo de Deus, o *neófito* está pleno e pronto, seja do ponto de vista essencial (dimensão ontológica), seja do ponto de vista existencial (dimensão histórica), para propor aos outros aquilo que ele mesmo vivenciou: o ser constituído *filho-discípulo no Filho*.

Tendo em vista esta estrutura para a iniciação cristã e seu objetivo principal de formar discípulos missionários, hoje a catequese é desafiada a articular no seu planejamento as mediações eclesiais da *diaconia*, da *koinonia*, da *martyria* e da *liturgia*.

Para Alberich, no que diz respeito à *diaconia*, a atividade catequética visa a educar para o exercício da caridade e do serviço. É a iniciação às formas de testemunho cristão no mundo, do amor e do serviço desinteressado, da luta pela justiça e pela paz, a ação social e política. A *koinonia* se refere à educação para o sentido da comunhão e da vida comunitária cristã, que engloba a fraternidade, capacidade de comunicação, diálogo, participação eclesial. A *martyria* ou o ministério da Palavra, consiste na iniciação à escuta e ao anúncio da Palavra. Ou seja, a catequese inicia à leitura da Bíblia, à escuta da Palavra de Deus na Igreja e no mundo, e prepara

³⁶ 2018, p. 53-54.

para o apostolado e a missão. Por fim, a catequese tem a missão de iniciar ao mistério da celebração, a *liturgia*, para uma participação consciente e ativa, de educar para a oração e a meditação e de preparar para os sacramentos³⁷.

A pedagogia mistagógica proporcionará ao catecúmeno e ao catequizando encantar-se verdadeiramente com Jesus Cristo. Encanto que fará com que permaneçam na fé, no amor de Deus, na comunidade, na oração e na ação. “Uma catequese mistagógica é muito mais uma orientação mistagógica, uma compreensão dos sacramentos e da liturgia como espaços-tempo de realidade da salvação e não como meros eventos rituais sociais”³⁸. Os encontros catequéticos devem ser direcionados de tal maneira que os interlocutores experimentem neles a mística, a comunhão com Deus e com os irmãos.

O caminho mistagógico orienta as ações pastorais e pedagógicas diante dos grupos de iniciantes, em uma atitude de atenção e respeito à originalidade de cada pessoa, à sua compreensão dos fatos da fé, à seleção de textos sagrados e adequação da linguagem que favoreça a formação, à utilização de exemplos de vida na orientação da vida moral e cotidiana dos cristãos e de seu testemunho no mundo. Além desse zelo, fruto da atenção à realidade de cada iniciante e do acompanhamento mistagógico, deparamo-nos com a consequência principal dessa postura, que consiste na percepção da fé enquanto dinâmica dialógica e enquanto processo pessoal e histórico³⁹.

Os encontros catequéticos devem priorizar a leitura orante, a Sagrada Escritura como livro principal, as pequenas celebrações e os gestos que ajudam na compreensão dos ritos litúrgicos, a disposição circular dos participantes, a eliminação da reprodução de atividades como se fosse matéria escolar, o cultivo do diálogo e da participação de todos, a acolhida amiga e calorosa por parte do catequista, o apoio e acompanhamento de toda a comunidade, a inserção nas pastorais e a participação na vida litúrgica.

Um esquema possível para um encontro catequético pode ser o seguinte, lembrando que faz parte do ministério assumido pelo catequista preparar com antecedência o encontro, mesmo que ele já possua ampla experiência. Cada encontro é único, com grupos e pessoas de perfis diferentes, com necessidades e interesses diversos. Os manuais de apoio precisam ser sempre adaptados à realidade do grupo dos catecúmenos e catequizandos e da comunidade local, nunca tomados integralmente, pois é impossível a um autor abarcar todas as nuances pastorais de cada comunidade eclesial. Em um encontro se deve considerar a realidade pessoal e grupal, o caminho de crescimento e amadurecimento na fé, as dúvidas e as dificuldades de cada catecúmeno e catequizando, o fator de sua conversão ou permanência na fé cristã. Aspectos imprescindíveis para realizar com êxito o encontro:

³⁷ ALBERCH, 2013, p. 188.

³⁸ CRUZ, 2023, p. 24.

³⁹ COSTA, 2012, p. 847.

- ✓ Preparação remota: definir o tema, o objetivo, a metodologia.
- ✓ Organizar o local de forma sóbria e festiva que conduza à interiorização; participantes dispostos em círculo de forma a favorecer o diálogo e a participação de todos. O catequista deve chegar com antecedência para esta preparação e acolhida dos catequizandos manifestando o amor acolhedor de Deus. Não é recomendável que o catequista chegue e organize o local na hora de começar o encontro, isto pode denotar falta de zelo e improviso com a missão catequética.
- ✓ Iniciar o encontro a partir da leitura e meditação do texto bíblico acompanhado de silêncio, de pequenos cantos ou refrãos meditativos, da reflexão partilhada pelo grupo.
- ✓ Desenvolver o tema do encontro utilizando uma dinâmica adequada, sobretudo da participação grupal.
- ✓ Ao final, proporcionar um momento para a interiorização e oração pessoal a partir da proposta do texto bíblico e do tema desenvolvido. Pode-se usar formas diferentes de expressar essa interiorização: pequenos gestos rituais-simbólicos, oração espontânea, gestos concretos.

A evangelização no mundo atual necessita de uma mudança ou aprimoramento da realização dos encontros catequéticos, pois este é o momento de aprofundamento e crescimento na fé professada pela Igreja, à qual os catecúmenos e catequizandos firmarão sua adesão ao serem iniciados pela celebração sacramental. Portanto, os encontros catequéticos devem ser expressão da celebração do mistério salvífico de Deus.

CONCLUSÃO

O Concílio Vaticano II não elaborou um documento exclusivo para a catequese, mas em suas constituições, decretos e declarações ficaram em evidência dimensões e aspectos da evangelização que incidiram diretamente sobre o serviço catequético, impulsionando a sua renovação. Reconhecida como ministério da Palavra e parte integrante da ação missionária da Igreja, a catequese também encontrou o caminho da renovação pastoral. É retomado o seu caráter iniciático, deixando de ser apenas instrução para a recepção de sacramentos (dimensão doutrinal). Constata-se essa teoria com a publicação do Diretório Geral para a Catequese (1971), pela promulgação do RICA em 1972, pela realização do Sínodo dos Bispos em 1977, cujo tema foi *A catequese em nosso tempo*, e pela Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae* (1979).

Nessa dissertação evidenciou-se que o CELAM teve uma rápida iniciativa para a aplicação da renovação pastoral do Concílio Vaticano II na Igreja da América-Latina, mesmo antes da publicação desses documentos importantes. A presidência do CELAM solicitou ao Papa a convocação da segunda Conferência Geral que se realizou em Medellín, Colômbia, de 26 de agosto a 07 de setembro de 1968, com o tema *A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio*, da qual resultou um documento com 16 capítulos, sendo um dedicado à catequese. No Brasil, o documento 26 da CNBB, *Catequese Renovada*, acolhendo as orientações dos documentos referidos acima, lança a catequese brasileira para um processo de intensa mudança.

Com o processo contínuo de reflexão teológica e pastoral sobre a ação evangelizadora, avançou-se na compreensão do serviço catequético, fundamentado na concepção conciliar de que a catequese é ministério da Palavra. Por isso, ela é integrante da ação evangelizadora da Igreja e está a serviço da iniciação cristã, ao mesmo tempo que a iniciação cristã é responsabilidade de toda a comunidade cristã. Assim, hoje a Igreja faz a sua opção pela catequese de inspiração catecumenal. O Diretório para a Catequese (2020) discorre com clareza sobre essa pedagogia e a Comissão Episcopal para a Animação Bíblico-Catequética da CNBB com o texto *Itinerário Catequético: Iniciação à vida cristã – um processo de inspiração catecumenal* (2018) oferece orientações para a sua realização nas comunidades.

A catequese de inspiração catecumenal se baseia no catecumenato antigo, um prolongado processo de iniciação cristã que durava de dois a três anos. Isso significa um processo progressivamente gradual, marcado por tempos, etapas e celebrações em que o

catecúmeno era introduzido no mistério pascal e na comunidade culminando com a celebração dos sacramentos do batismo, crisma e eucaristia.

Hoje, a catequese de inspiração catecumenal é uma urgência em todas as comunidades cristãs para a formação dos verdadeiros discípulos missionários. Ela é inspirada na pedagogia divina e possui o aspecto mistagógico, que propicia ao catecúmeno e catequizando uma iniciação no mistério salvífico de Deus e na comunidade, mediada pela própria comunidade, que é também mistagoga.

A dimensão mistagógica está imbricada com a dimensão querigmática. O anúncio pascal e a introdução ao mistério se dão ao mesmo tempo. Ainda há o fato de que a iniciação não é concluída ao fim do processo catequético. Ela é um processo permanente. O Papa Francisco, em *Desiderio Desideravi*, afirma que a participação litúrgica sacramental no decorrer do ano litúrgico educa e introduz sempre mais no amor salvífico de Deus.

A catequese de inspiração catecumenal é uma catequese missionária, uma catequese mistagógica e querigmática a serviço da iniciação cristã, que é de responsabilidade de toda a comunidade. O catequista é investido do ministério para agir e instruir em nome dela. Porém, cada fiel é responsável de acordo com a sua condição de ministro ordenado, de vida religiosa consagrada ou de estado laical.

A catequese de estilo catecumenal tem como fontes essenciais e indispensáveis a Palavra de Deus e a Liturgia. Ela anuncia a Palavra e corresponde a esta mesma Palavra. Ela educa para a participação litúrgica enquanto que a liturgia também tem função catequética. É inconcebível uma catequese iniciática onde catequese e liturgia estejam dissociadas. Caso contrário, permanece a catequese doutrinal, sendo a recepção dos sacramentos a meta final da catequese.

Nessa proposta catequética, a celebração dos sacramentos é o símbolo ritual de introdução pela ação de Deus em seu próprio mistério salvífico. O tempo de preparação não é um curso de catequese, mas um tempo necessário para o processo de iniciação que culmina não como fim, mas como início de uma vida nova e de discipulado missionário pela celebração dos sacramentos de iniciação. Nesse processo mistagógico o catequista é o mistagogo, não aquele que sabe mais, mas aquele que fez e faz a experiência de ser discípulo missionário.

A restauração do catecumenato, a nova evangelização e a renovação pastoral do Vaticano II encontraram ressonância nos documentos eclesiais da América Latina e do Brasil. O espírito do Concílio motivou um processo contínuo de renovação. A Igreja no Brasil fez a

sua opção pela catequese de inspiração catecumenal e está empenhada pela sua implantação em todas as suas comunidades.

REFERÊNCIAS

- ALBERICH, E. *Catequese Evangelizadora*. Manual de Catequética Fundamental. Brasília: Dom Bosco, 2004, edição digital 2013.
- ANTONIAZZI, A. Mundo – Igreja – Catequese. In: ANTONIAZZI, A.; OLIVEIRA, R. M. de. *A catequese à luz do sínodo-1977*. São Paulo: Dom Bosco, 1978.
- BARBOZA, M. A.; GIRL, P. C. Reflexões sobre a Metodologia Catequética: um caminho de aproximação, escuta e presença. *Revista Teopraxis*, Passo Fundo, v. 39, n.133, jul./dez./2022, p. 19-29. Disponível em: <https://itepa.com.br/ojs/index.php/teopraxis/article/view/85/191>. Acesso: 09 dez. 2023.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.
- BISPOS SINODAIS. Mensagem ao Povo de Deus. In: ANTONIAZZI, A.; OLIVEIRA, R. M. de. *A catequese à luz do sínodo-1977*. São Paulo: Dom Bosco, 1978.
- BOLLIN, A.; GASPARINI, F. *A catequese na vida da Igreja: notas de história*. São Paulo: Paulinas, 1998.
- CELAM. *Conferencias Generales del Episcopado Latinoamericano y Caribeño*. Disponível em: <https://celam.org/conferencias-generales/>. Acesso em: 31 out. 2023.
- CELAM. *A Caminho de um Novo Paradigma para a Catequese*. III Semana Latino-Americana de Catequese. Brasília: Edições CNBB, 2008.
- CELAM. *Documento de Aparecida*. 5ª edição 2008. Edições CNBB, Paulus, Paulinas.
- CELAM. *A Igreja na atual transformação da América Latina a luz do Concílio: conclusões de Medellín*. Petrópolis: Vozes, 1969.
- COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA A ANIMAÇÃO BÍBLICO-CATEQUÉTICA. *Itinerário Catequético*. Iniciação à vida cristã – um processo de inspiração catecumenal, 4. ed. Brasília: Edições CNBB, 2018.
- COMPÊNDIO DO VATICANO II – *Constituições, decretos e declarações*, 3. reimpressão 2018. Petrópolis: Vozes, 1968.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Catequese Renovada: orientações e conteúdo*. 9. ed. São Paulo: Paulinas, 1985.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Iniciação à Vida Cristã: itinerário para formar discípulos missionários*. Brasília: Edições CNBB, 2017.
- COSTA, R. F. A mistagogia das ações litúrgicas em Cirilo de Jerusalém. *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 52, jan./abr.2016, p. 58-76. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/26611/26611.PDF>. Acesso em: 9 dez. 2023.

COSTA, R. F. O caminho da mistagogia: uma mística para os nossos tempos. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 10, n. 27, jul./set. 2012, p. 831-853. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/p.2175-5841.2012v10n27p831/4289>. Acesso em: 11 dez. 2023.

CRUZ, E. F. A unidade dos sacramentos de iniciação cristã: caminho para uma catequese mistagógica hoje. *Revista de Educación Religiosa*, Santiago, Chile, v. 2, n. 7, p. 9-29, 2023. Disponível em: <https://revistas.uft.cl/index.php/rer/article/view/310/387>. Acesso em: 02 dez. 2023.

FLORISTÁN, C. *Catecumenato: história e pastoral da iniciação*. Petrópolis: Vozes, 1995.

FRANCISCO. *Desiderio Desideravi: sobre a formação litúrgica do Povo de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2022.

FRANCISCO. *Antiquum Ministerium*. Carta Apostólica em forma de Motu Proprio pela qual se institui o Ministério do Catequista. 1. ed. Brasília: CNBB, 2021.

JOÃO XXIII. Discurso *Gaudet Mater Ecclesia*. In: CONCÍLIO VATICANO II. *Documentos do Concílio Ecumênico II (1962-1965)*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 21-32 (Documentos da Igreja 1).

JOÃO PAULO II. *A catequese hoje: exortação apostólica Catechesi Tradendae*. São Paulo: Paulinas, 1980.

LELO, A. F. Pedagogia Catecumenal: moda ou herança? *Revista de Catequese*, São Paulo, Salesiana Dom Bosco, n.125, jan. 2009, p. 6-17.

LIMA, L. A. *A Catequese do Vaticano aos nossos dias: a caminho de uma catequese a serviço da iniciação à vida cristã*. São Paulo: Paulus, 2016.

LIMA, L. A. de. A iniciação cristã ontem e hoje: história e documentação atual sobre a iniciação cristã. *Revista de Catequese*, São Paulo, Salesiana Dom Bosco, n.126, abr. 2009, p. 6-22.

MARTÍN, Julián López. *A liturgia da igreja: teologia, história, espiritualidade e pastoral*. 1. ed. São Paulo: Vozes, 2022, e-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 10 fev. 2024.

MURAD, A. T. Medellín: história, símbolo e atualidade. *Horizonte, Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, v. 16, n. 50, p. 600-631, 31 ago. 2018. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2018v16n50p600/13555>. Acesso em: 31 out. 2023.

PANAZZOLO, J. *Caminho de iniciação à vida cristã: elementos fundamentais*. São Paulo: Paulus, 2011.

PARANHOS, W. S. Catequese e Liturgia. In: RIVAS; E. GODOY M. (Orgs). *Memória e caminho: liturgia e vida cristã. Homenagem a Francisco Taborda, sj em seu 80º aniversário*. São Paulo: Loyola, 2018, p. 225-242.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. *Diretório para a Catequese*. 2. ed. Brasília: CNBB, 2020.

RODRIGO, A. M. História da catequese. In: PEDROSA, V. Ma; NAVARRO, Ma.; LÁZARO, R.; SASTRE, J. (Orgs). *Dicionário de Catequética*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 564-573.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório Catequético Geral*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1979.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *Ritual da Iniciação Cristã de Adultos – RICA*. 7. ed. São Paulo: Paulus, 2011.

SALA DE IMPRENSA DA SANTA SÉ. *Sínodo dos Bispos*. Disponível em: https://www.vatican.va/news_services/press/documentazione/documents/sinodo/sinodo_documentazione-generale_po.html. Acesso em: 01 nov. 2023.

TERRA, Joao Evangelista Martins. *História da Catequese*. São Paulo: Loyola, 1982.